

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EFEITOS DO CONFLITO INTERPARENTAL NA RELAÇÃO DE
NAMORO DE JOVENS ADULTOS**

Ana Raquel Rodrigues Jorge

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EFEITOS DO CONFLITO INTERPARENTAL NA RELAÇÃO DE
NAMORO DE JOVENS ADULTOS**

Ana Raquel Rodrigues Jorge

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Maria Helena Santos Afonso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

2013

Agradecimentos

À **Profª. Dra. Helena Afonso** pela orientação na concretização desta monografia, por todas as sugestões, correcções, críticas e disponibilidade.

À **Família**, por todo o apoio e possibilidade de proporcionar a realização deste percurso académico.

Aos **Amigos**, pelo incentivo, pelo carinho, ajuda e por toda a força dada. Um agradecimento especial às amizades estabelecidas na Faculdade durante todo este percurso académico, por tantas aprendizagens, companheirismo, ajuda, desabafos e preocupações partilhadas, e por todos os nossos momentos.

Um obrigada especial ao **André** por todo o amor, compreensão, ajuda e incentivo durante a elaboração da monografia.

À **Dra. Ana Lúcia Monteiro** e à **Profª. Dra. Maria João Santos** pelas suas autorizações, ajuda e esclarecimentos sobre as suas respectivas escalas utilizadas no presente estudo.

Agradeço também a **todas as pessoas** que participaram e/ou divulgaram os meus questionários e que tornaram possível a realização deste trabalho.

Resumo

O desenvolvimento de relações românticas nos jovens adultos parece ser influenciado pela relação entre os seus progenitores. De um modo geral, a literatura aponta o conflito interparental, mais do que o estatuto conjugal dos pais, como tendo um papel determinante na forma como os jovens vão estabelecer e manter relações satisfatórias com os seus parceiros. O presente estudo tem como principal objectivo analisar a relação entre o conflito interparental percebido por jovens adultos e variáveis da relação de namoro (satisfação e compromisso relacionais e confiança nos parceiros). Pretende-se ainda determinar diferenças na percepção do conflito interparental e das variáveis de namoro relativamente ao género dos sujeitos e ao estatuto conjugal dos seus pais. Foi obtida uma amostra de 193 jovens adultos de ambos os sexos com idade compreendida entre os 18 e os 25 anos envolvidos numa relação de namoro sem coabitação com os parceiros. Os resultados revelam relações significativas entre as variáveis relacionais consideradas na relação de namoro dos sujeitos. O conflito interparental associa-se negativamente e de forma significativa com a satisfação e confiança nos parceiros mas não com o compromisso. Verifica-se também diferenças significativas na percepção do conflito interparental quanto ao estatuto conjugal dos pais, sendo que os sujeitos cujos pais são divorciados/separados apontam níveis de conflito mais elevados. Quanto ao género, os dados não revelam diferenças significativas nas variáveis estudadas. Apresentam-se algumas implicações para a prática clínica e sugestões para futuras investigações.

Palavras-chave: Conflito interparental, relações de namoro, jovens adultos.

Abstract

The development of romantic relationships in young adults appears to be influenced by their parents. In a general way, literature points the interparental conflict, more than the marital status of the parents, as having a determinant role in the way that youngsters will establish and maintain satisfactory relationships with their romantic partners. This study has the main goal to analyze the connection between the interparental conflict perceived by young adults and the romantic relationships variables (relationship satisfaction and commitment and trust in partners). It is also intended to determine differences in the perception of interparental conflict and the romantic relationship variables in terms of gender and marital status of parents. It was obtained a sample of 193 young adults from both genders with ages between 18 and 25 years old involved in a romantic relationship without living with the partner. The results reveal significant relations between the romantic relationships variables in the romantic relationship of the subjects. The interparental conflict is associated negatively and significantly with the satisfaction and trust in partners but not with the commitment. There are also significant differences in the perception of interparental conflict as to the marital status of the parents, and the subjects whose parents are divorced / separated indicate higher levels of conflict. As for gender, the data reveal no significant differences in the variables studied. There are presented some implications for clinical practice and suggestions for future research.

Keywords: Interparental conflict, dating relationships, young adults

Índice Geral

	Página
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
1. Introdução.....	1
2. Revisão de literatura.....	4
2.1. Relações românticas: Dimensões relacionais de qualidade e estabilidade.....	4
2.2. Dimensão de qualidade relacional.....	6
2.2.1. Satisfação.....	6
2.3. Dimensão de estabilidade relacional.....	7
2.3.1 Compromisso.....	7
2.3.2. Confiança.....	9
3. A relação de namoro nos jovens adultos.....	10
3.1. Conflito interparental.....	12
3.2. Estatuto conjugal dos pais.....	15
3.3. Estatuto conjugal e conflito interparental.....	17
4. Metodologia.....	19
4.1. Objectivos e natureza do estudo.....	19
4.2. Obtenção, selecção e caracterização da amostra.....	20
4.3. Instrumentos.....	23
4.3.1. Questionário socio-demográfico.....	23
4.3.2. <i>Children's Perception of Interparental Conflict Scale</i> (CPIC).....	23
4.3.3. <i>Relationship Assessment Scale</i> (RAS).....	26
4.3.4. <i>Escala de Compromisso Pessoal</i> (ECP).....	27
4.3.5. <i>Trust in Close Relationship Scale</i> (TCRS).....	29
4.4. Procedimento de recolha de dados.....	30
5. Resultados.....	33
5.1. Percepção do conflito interparental.....	33
5.2. Percepção de satisfação e compromisso na relação e confiança nos parceiros.....	34
5.3. Relação entre variáveis.....	38
5.4. Comparação de grupos.....	39
5.4.1. Género.....	39
5.4.2. Estatuto conjugal dos pais.....	41

6. Discussão e conclusões.....	45
Referências bibliográficas.....	51
Anexos	

Índice de Quadros

	Página
Quadro 1. <i>Caracterização da amostra</i>	22
Quadro 2. <i>Consistência interna (alfa de Cronbach) dos factores e subescalas da CPIC</i>	25
Quadro 3. <i>Consistência interna (alfa de Cronbach) da RAS</i>	27
Quadro 4. <i>Consistência interna (alfa de Cronbach) da ECP</i>	28
Quadro 5. <i>Consistência interna (alfa de Cronbach) da escala e subescalas da TCRS</i>	30
Quadro 6. <i>Média (M) e desvio-padrão (DP) da escala total, factores e subescalas do conflito interparental</i>	33
Quadro 7. <i>Média (M) e desvio-padrão (DP) da RAS, ECP e TCRS e subescalas da TCRS</i>	34
Quadro 8. <i>Média (M) e desvio-padrão (DP) das variáveis nos grupos “Sem Rupturas” e “Com Rupturas”</i>	36
Quadro 9. <i>Média (M) e desvio-padrão (DP) das variáveis diferenciando o sexo</i>	40
Quadro 10. <i>Média (M) e desvio-padrão (DP) das variáveis nos grupos “Pais Juntos” e “Pais Separados”</i>	43

Anexos

Anexo A – Questionário sócio-demográfico

Anexo B – *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC) – Versão 1 –
Pais casados/união de facto

Anexo C – *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC) – Versão 2 –
Pais divorciados/separados

Anexo D – *Relationship Assessment Scale* (RAS)

Anexo E – Escala de Compromisso Pessoal (ECP)

Anexo F – *Trust in Close Relationships Scale* (TCRS)

Anexo G – Consentimento Informado

Anexo H – Quadro com as correlações entre a RAS, ECP e factores e subescalas da
CPIC e TCRS

Anexo I – Sumário das análises *t*-Student para amostras independentes quanto às
diferenças de género

Anexo J - Sumário das análises *t*-Student para amostras independentes quanto às
diferenças no estatuto conjugal dos pais

1. Introdução

Em qualquer etapa do desenvolvimento humano, estabelecer relações próximas com os outros é fundamental para o bem-estar dos indivíduos. Na infância, as relações privilegiadas entre a criança e o(s) seu(s) cuidador(es) tornam-se protótipos das relações estabelecidas em fases posteriores do desenvolvimento, nomeadamente nas relações românticas (Bowlby, 1973, 1982 cit. por Collins & Feeney, 2013; Brumbaugh & Fraley, 2006; Feeney, 2008; Hazan & Shaver, 1987 cit. por Harvey & Wenzel, 2006; Mikulincer & Shaver, 2007).

A satisfação e o compromisso relacionais e a confiança nos parceiros são componentes fundamentais das relações de namoro estabelecendo-se entre elas inter-relações e sobreposição devido à complexidade e dificuldade em definir estes conceitos (Couch & Jones, 1997; Fincham & Beach, 2006; Le & Agnew, 2003; Rusbult, Coolsen, Kirchner & Clarke, 2006). Na literatura encontram-se dados inconsistentes quanto às diferenças de género quando se avaliam estas dimensões de qualidade e estabilidade relacionais. Parecem existir poucos dados quanto às diferenças de género na satisfação relacional, contudo no estudo de Dinkel & Balck (2005) não se verificaram diferenças estatisticamente significativas. Em alguns estudos indivíduos do sexo masculino apresentam níveis mais elevados de compromisso e confiança do que indivíduos do sexo feminino, enquanto que em outros se obtiveram resultados inversos (Adams & Jones, 1999; King, 2002; Rhoades, Stanley & Markman, 2009; Stanley, Markman & Whitton, 2002). Dado que o compromisso e a confiança nos parceiros constituem factores essenciais para a estabilidade relacional, estes quando não estão consolidados poderão levar à ocorrência de rupturas na relação (separações-reconciliações).

Os jovens adultos inserem-se no período de desenvolvimento que marca o fim da adolescência e o início da idade adulta. A delimitação etária desta fase não é consensual variando entre os 17 e os 35 anos. Durante este período as tarefas centrais dos jovens caracterizam-se pelo aumento da autonomia, expansão da sua rede de relações, exploração da sua identidade e visões do mundo e, principalmente, estabelecer relações íntimas que exercem um papel importante no seu bem-estar. O estabelecimento e a manutenção dessas relações de forma satisfatória são indicadores de sucesso no desempenho desta tarefa normativa (Arnett, 2000; Conger, Cui, Bryant & Elder, 2000; Cui, Fincham & Durtschi, 2011; Musick & Bumpass, 2012 cit. por Rauer, Pettit, Lansford, Bates & Dodge, 2013; Sumner, 2013).

Ao longo das últimas décadas, surgiram diversos trabalhos de investigação sobre a influência de variáveis associadas ao funcionamento familiar na capacidade de estabelecimento e manutenção de relações de namoro satisfatórias dos jovens adultos. Os dados da literatura têm fornecido resultados inconsistentes sobre o impacto do conflito interpaparental e do estatuto conjugal dos pais (divorciados *vs* não divorciados) na qualidade e estabilidade relacionais dos filhos. Contudo, de um modo geral os dados revelam que, mais do que o divórcio em si, é o conflito interpaparental que tem maior impacto no bem-estar das crianças e jovens (Amato, Loomis & Booth, 1995; Cui *et al.*, 2011; Henry & Holmes, 1998). No que diz respeito às diferenças de género sobre o impacto do conflito interpaparental, Henry & Holmes (1998) encontraram diferenças significativas.

Apesar da fecundidade de trabalhos no campo familiar sobre o conflito interpaparental, nota-se uma concentração de estudos sobre os seus efeitos em crianças e adolescentes e uma escassez focando os jovens adultos. O presente trabalho pretende contribuir assim para o aumento do conhecimento sobre os efeitos do conflito interpaparental na relação de namoro de jovens adultos ao nível da qualidade e estabilidade relacionais.

Dado este propósito estabeleceram-se três objectivos para um estudo de natureza quantitativa e exploratória. Pretende-se, assim, avaliar a percepção de jovens adultos sobre o conflito interpaparental e sobre a qualidade (grau de satisfação) e estabilidade relacionais (nível de compromisso na relação e confiança nos parceiros). O segundo objectivo é analisar a relação entre a percepção do conflito interpaparental, satisfação, compromisso e confiança relacionais. Por fim, pretende-se determinar diferenças de género e do estatuto conjugal dos pais na percepção do conflito interpaparental e na percepção de satisfação, compromisso na relação de namoro e na confiança nos parceiros.

A percepção do conflito interpaparental foi avaliada pela versão portuguesa da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC, Moura, Santos & Matos, 2006/2010, Grych, Seid & Fincham, 1992). O nível global de satisfação na relação de namoro foi avaliado pela versão portuguesa da *Relationship Assessment Scale* (RAS, Santos, Feijão & Mesquita, 2000; Hendrick, 1988) e o nível de compromisso foi avaliado pela *Escala de Compromisso Pessoal* (ECP, Monteiro, Ramalho, Ribeiro & Pinto, 2013, versão portuguesa da *Dedication Scale*, Stanley, 1986). O nível de confiança nos parceiros foi avaliado através da *Trust in Close Relationships Scale* (TCRS, Rempel, Holmes & Zanna, 1985, versão traduzida para este estudo).

Foi obtida uma amostra, seguindo um critério de conveniência, constituída por 193 indivíduos de ambos os sexos que preenchessem cumulativamente os seguintes critérios: ter entre 18 e 25 anos, nacionalidade portuguesa e como língua materna o Português, e estar envolvido numa relação heterossexual, em que os parceiros não coabitassem. Os sujeitos preencheram os instrumentos de avaliação numa plataforma *online*. Para o tratamento estatístico dos dados recolhidos recorreu-se ao *Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 20* (SPSS Inc., Chicago, IL) e foram efectuadas análises descritivas, análises de correlações e comparação de grupos.

2. Revisão de literatura

2.1. Relações românticas: Dimensões relacionais de qualidade e estabilidade

A literatura sobre o estabelecimento e manutenção de relações românticas revela consenso acerca do papel fundamental dessas relações na promoção do bem-estar dos indivíduos (Laurenceau, Rivera, Schaffer & Pietromonaco, 2004; Leary, 2005 cit. por Perlman & Duck, 2006; Reis, 2006).

O processo de desenvolvimento de relações românticas tem sido visto como um processo de vinculação análogo ao desenvolvimento de laços emocionalmente significativos entre a criança e o(s) seu(s) cuidador(es) (Bowlby, 1973, 1982 cit. por Collins & Feeney, 2013; Brumbaugh & Fraley, 2006; Feeney, 2008; Hazan & Shaver, 1987 cit. por Harvey & Wenzel, 2006; Mikulincer & Shaver, 2007). Nesta interação criança-cuidador(es) formam-se modelos representacionais que servem como protótipos de relações futuras (Bowlby, 1977 cit. por Henry & Holmes, 1998; Hazan & Zeifman, 1994 cit. por Pascuzzo, Cyr & Moss, 2013; Waters, Merrick, Treboux, Crowell & Albersheim, 2000).

Hazan & Shaver (1987) foram os pioneiros na aplicação da teoria da vinculação às relações românticas do adulto e defendendo a semelhança entre os laços de vinculação das crianças com os seus cuidadores e os laços de vinculação estabelecidos entre os parceiros numa relação íntima (Brumbaugh & Fraley, 2006; Feeney, 2008; Mikulincer & Shaver, 2007).

Na sequência dos trabalhos de Hazan & Shaver (1987), Bartholomew (1990 cit. por Simpson & Rholes, 1998; Bartholomew & Horowitz, 1991) introduziu um *modelo bidimensional* tendo em conta as representações internas dos indivíduos acerca de si próprio e do outro. A literatura parece consensual relativamente à caracterização dos indivíduos segundo o seu estilo de vinculação. Indivíduos com *estilo de vinculação seguro* desenvolvem facilmente relações próximas com os outros, revelando baixa ansiedade e não evitando a proximidade. Por outro lado, indivíduos com *estilo de vinculação inseguro* tendem a evitar a intimidade experienciando desconforto com a proximidade emocional com os outros (Rholes, Simpson & Stevens, 1998; Washington & Hans, 2013).

A *intimidade* constitui um dos alicerces para a construção das relações românticas, contudo, revela-se um conceito complexo e sem uma definição consensual. A intimidade tem sido conceptualizada de múltiplas formas diferindo nos níveis de

análise: componentes centrais (*e.g.*, revelação, responsividade) e aspectos temporais (*e.g.*, estático *vs* processo). Numa tentativa de integração das diferentes definições e teorias relativas à intimidade, Reis & Shaver (1988) e Reis & Patrick (1996) apresentaram um modelo de intimidade - *processo interpessoal da intimidade* – que procura incluir também os diferentes contributos da teoria da vinculação para a compreensão daquele conceito. Este modelo tem sido amplamente utilizado permitindo a obtenção de dados empíricos sobre as relações íntimas nos adultos. Segundo os autores, a intimidade engloba duas componentes principais: a *auto-revelação* e a *responsividade dos parceiros*. A auto-revelação refere-se à informação comunicada aos parceiros e divide-se em dois tipos: *revelação factual* ou *descritiva* e *revelação emocional* ou *avaliativa*. O primeiro refere-se à comunicação de factos e informações pessoais. A um nível mais específico, a revelação emocional ou avaliativa faz referência à comunicação de sentimentos e opiniões pessoais. Este tipo de revelação parece estar mais relacionada com a intimidade sendo facilitador do desenvolvimento do sentido de “nós” na relação. A componente responsividade dos parceiros, manifesta-se através de respostas empáticas que demonstram compreensão, apreciação, preocupação e respeito pelo outro (Laurenceau *et al.*, 2004; Moreira, Amaral & Canavarro, 2009; Narciso & Ribeiro, 2009).

Prager (2000) identifica como componentes da intimidade a auto-revelação, o afecto positivo e a compreensão/escuta dos parceiros. Segundo esta autora, a intimidade afecta e é afectada por outros processos que contribuem para o desenvolvimento da relação, nomeadamente níveis de amor, confiança, satisfação e compromisso relacionais. Narciso & Ribeiro (2009) apresentam a intimidade como um todo composto por vários componentes específicos, nomeadamente, a partilha/auto-revelação, o apoio emocional, a confiança, a mutualidade, a interdependência e a sexualidade. De acordo com as autoras, a intimidade, o amor e o compromisso estão inter-relacionados e constituem a essência das relações românticas.

O desenvolvimento de relações românticas nem sempre é uma tarefa fácil, dado que, depois de estabelecidas, a manutenção dos níveis de satisfação comporta dificuldades variadas. Os dados que relacionam as dimensões de qualidade e de estabilidade das relações apresentam múltiplas influências de ambas as dimensões quer na dissolução quer na continuidade dessas relações. No entanto, as dimensões de qualidade e de estabilidade não são necessariamente interdependentes, verificando-se a existência de

relações que se mantêm apesar dos indivíduos se revelarem insatisfeitos, ou relações com relativa alta qualidade que terminam (Adams & Jones, 1999).

Parece existir pouco consenso quanto aos componentes das dimensões de qualidade e de estabilidade das relações. A título de exemplo, Rhoades, Stanley & Markman (2012a) identificam como componentes de qualidade: a satisfação, a comunicação, a agressão e a frequência de relações sexuais, enquanto que Miller & Teddar (2011) aponta o conflito, a auto-revelação emocional e a segurança relacional como factores de qualidade. De acordo com a maioria da literatura consultada, o nível de satisfação na relação insere-se na dimensão de qualidade enquanto que o compromisso na relação e a confiança nos parceiros se inserem na dimensão de estabilidade (Adams & Jones, 1997, 1999; Bartle, 1996; King, 2002). Também devido à complexidade, inter-relação e sobreposição dos conceitos de satisfação, compromisso e confiança torna-se difícil determinar causas e efeitos entre eles (Couch & Jones, 1997; Fincham & Beach, 2006; Le & Agnew, 2003; Rusbult *et al.*, 2006). Ainda assim os dados sobre os processos subjacentes às dinâmicas das relações românticas demonstram como o compromisso e confiança nos parceiros influenciam o nível de satisfação. Segundo Wieselquist, Rusbult, Foster & Agnew (1999) a confiança nos parceiros aumenta o envolvimento, o compromisso e a manifestação de comportamentos em prol da relação que se reflecte no aumento de investimento, confiança e compromisso do outro membro do casal, aumentando a satisfação de ambos os parceiros. A este processo Wieselquist e colaboradores (1999) denominaram de *ciclos de crescimento mútuo* (Mikulincer & Shaver, 2007; Rusbult *et al.*, 2006; Rusbult, Kumashiro, Coolsen & Kirchner, 2004; Rusbult, Wieselquist, Foster & Witcher, 1999).

2.2. Dimensão de qualidade relacional

2.2.1. Satisfação

Apesar da falta de consenso na dimensão de qualidade a satisfação com a relação constitui uma componente essencial na determinação dos resultados das relações românticas (Le & Agnew, 2003). Hendrick (1988) utiliza o termo *satisfação* para exprimir os sentimentos subjectivos dos parceiros nas suas relações. De acordo com Fincham & Beach (2006), o conceito de satisfação com a relação carece do desenvolvimento de uma teoria adequada que tem resultado numa confusão conceptual.

Termos como *ajustamento*, *sucesso* e *felicidade* têm sido utilizados de forma indiferenciada para se referirem à satisfação relacional. Segundo os mesmos autores, o estudo da satisfação tem-se focado particularmente na satisfação conjugal e, aparentemente, descurada relativamente às relações de namoro.

A satisfação com a relação tem sido operacionalizada através de uma avaliação global bipolar (satisfação vs insatisfação). A avaliação da satisfação depende da comparação que um indivíduo faz entre o que obtém da relação estabelecida e a sua *representação interna* de “relações satisfatórias” (Miller & Teddar, 2011; Vaugh & Baier, 1999). Segundo Hinde (1997, cit. por Santos *et al.*, 2000), a satisfação na relação tem em conta diversos determinantes tais como as características individuais dos parceiros, a natureza da relação e factores contextuais. Os casais satisfeitos identificam essencialmente características positivas nos parceiros, verificando-se relativa ausência de características negativas. Por outro lado, os casais insatisfeitos avaliam os seus parceiros de forma inversa, ou seja, identificam mais características negativas, sendo as positivas relativamente inexistentes. Nos casais insatisfeitos predomina um padrão comunicacional disfuncional pautado por críticas, queixas, hostilidade e são patentes dificuldades na resolução de problemas. Apresentam ainda crenças irrealistas (*e.g.*, os parceiros não vão mudar, a “leitura da mente” é expectável) relativamente aos parceiros e às relações (Fincham & Beach, 2006).

No que diz respeito às diferenças de género, parecem existir poucos estudos a determiná-las quanto à satisfação relacional. No entanto, os resultados obtidos por Dinkel & Balck (2005) não apontam diferenças de género.

2.3. Dimensão de estabilidade relacional

2.3.1. Compromisso

O nível de *compromisso* dos indivíduos nas suas relações românticas, sendo um aspecto integrado na dimensão de estabilidade ou manutenção relacional, permite que dois indivíduos se transformem num “nós” (Adams & Jones, 1997; Levinger, 1979 cit. por Fincham, Stanley & Beach, 2007).

Rusbult e colaboradores (1980, 1983) desenvolveram o *modelo de investimento* na relação romântica baseando-se nos princípios da *teoria da interdependência* de forma a analisar os processos envolvidos na manutenção de relações interpessoais. De acordo

com esta teoria, a dependência é uma componente estrutural importante das relações e tem em conta três factores: o *nível de satisfação*, a *qualidade das alternativas* existentes à relação e o *investimento* na mesma (Le & Agnew, 2003; Rusbult *et al.*, 2006). Assim, segundo Rusbult e colaboradores, o compromisso é a experiência subjectiva resultante da ponderação entre os três factores da dependência que medeiam a continuidade ou término da relação (Le & Agnew, 2003; Morgan & Shaver, 1999).

Johnson (1973, 1991) desenvolveu um *modelo tripartido* identificando três tipos de compromisso: *compromisso pessoal*, *compromisso moral* e *compromisso estrutural*. Segundo o autor, o compromisso pessoal refere-se ao desejo intrínseco de dar continuidade à relação tendo em conta a identidade relacional e a satisfação com o/a parceiro(a) e com a relação. O compromisso moral é baseado em sentimentos de obrigação e crenças morais de que se deve dar continuidade à relação. Por fim, o compromisso estrutural, baseia a continuidade da relação nos constrangimentos ou barreiras para a dissolver e na ausência de boas alternativas à actual relação (Adams & Jones, 1999; Amato & Hohmann-Marriott, 2007; Narciso & Ribeiro, 2009; Rusbult *et al.*, 2006; Stanley, Whitton & Markman, 2004).

Com base no modelo de Johnson (1973, 1991), Stanley & Markman (1992) conceptualizaram o compromisso como abrangendo dois aspectos: o *compromisso por dedicação* (*dedication commitment*) e o *compromisso forçado*¹ (*constraint commitment*). O compromisso por dedicação refere-se ao desejo intrínseco de um indivíduo manter ou melhorar a relação íntima estabelecida com os parceiros. Este aspecto assemelha-se ao conceito de compromisso pessoal do modelo de Johnson (1973, 1991) englobando a identidade do casal (o sentido de “nós”), a visão a longo prazo da relação e a prioridade dada à mesma. O compromisso forçado reúne os constrangimentos internos e externos que dificultam dissolver a relação, mesmo que o indivíduo o deseje (*e.g.*, questões financeiras, pressão social para que o casal permaneça junto, preocupação com o bem-estar do outro e dúvidas sobre a existência de alternativas à relação) (Fincham *et al.*, 2007; Narciso & Ribeiro, 2009; Owen, Rhoades, Stanley & Markman, 2011; Rhoades, Stanley & Markman, 2006, 2012b; Stanley *et al.*, 2004).

A literatura referente ao compromisso relacional tem revelado resultados inconsistentes quanto aos níveis de envolvimento relacional nos homens e nas mulheres.

¹ Denominação adoptada por Narciso & Ribeiro (2009)

Stanley & Markman (1992) constam haver pouca ou nenhuma diferença no nível de compromisso entre homens e mulheres. Por outro lado, os dados provenientes do estudo de Stanley e colaboradores (2002) revelam que os homens apresentam uma pontuação tendencialmente mais elevada do que as mulheres. Contudo, há autores que verificam consistentemente que as mulheres tendem a comprometer-se mais que os homens (Adams & Jones, 1999; Rhoades *et al.*, 2009) mas não avançam possíveis explicações de forma a esclarecer esta divergência de resultados.

2.3.2. Confiança

A confiança é vista como a base para o desenvolvimento de todas as relações interpessoais. De acordo com Couch & Jones (1997), os estudos iniciais abordando o conceito de *confiança* definiram-na de forma abrangente, como a confiança na natureza humana e nas pessoas em geral, o que actualmente se denomina de *confiança global*. Posteriormente, a literatura focou-se na confiança como um elemento específico das relações românticas, denominando-a de *confiança relacional*.

Rotter (1980, cit. por Wieselquist *et al.*, 1999) refere-se à confiança como um traço de personalidade influenciado pelas experiências precoces de vinculação. Por seu lado, Larzelere & Huston (1980) consideram a confiança como o grau em que o indivíduo acredita que o seu parceiro é benevolente e honesto. Para estes últimos autores, a benevolência refere-se ao interesse genuíno no bem-estar do outro e a honestidade refere-se à credibilidade das intenções do outro sobre o futuro da relação.

Para a estabilidade das relações românticas é fundamental a confiança nos parceiros de que estes são honestos, previsíveis e interessados no bem-estar do outro membro do casal tendo em conta a observação da consistência dos comportamentos e características dos parceiros e envolvendo ainda crenças quanto ao futuro da relação (King, 2002; Larzelere & Huston, 1980; Rempel *et al.*, 1985; Rempel, Ross & Holmes, 2001).

Rempel e colaboradores (1985) reuniram as ideias principais de diversas definições de confiança nos parceiros de forma a construir um instrumento de avaliação deste conceito. Os autores verificaram que a confiança é vista como envolvendo experiências e interações passadas e atribuições disposicionais referente aos parceiros de que estes são fidedignos, seguros e preocupados com o seu bem-estar. A confiança parece ainda envolver a disponibilidade de um indivíduo se tornar vulnerável através da auto-revelação, a segurança revelada nas promessas dos parceiros e os sacrifícios a favor da

relação. A partir destes elementos fundamentais, Rempel *et al.* (1985) definiram as três componentes do seu modelo de confiança: *previsibilidade* (*predictability*), *fiabilidade* (*dependability*) e *fé* (*faith*). A *previsibilidade* em relação ao comportamento dos parceiros advém da consistência e estabilidade do comportamento dos mesmos. A *fiabilidade* é tida como um estágio posterior da relação, em que o foco se desloca das avaliações dos comportamentos para uma apreciação das qualidades e características específicas dos parceiros (fidedignos e honestos). Por fim, a *fé* reflecte a segurança emocional de que os parceiros serão cuidadosos e responsivos às suas necessidades (Bartle, 1996; Jacquet & Surra, 2001; Rempel *et al.*, 1985; Rusbult *et al.*, 1999; Wieselquist *et al.*, 1999).

Indivíduos que detêm elevada confiança nos parceiros sentem-se seguros de que poderão contar com eles e que as suas necessidades serão satisfeitas. No pólo oposto, os indivíduos que manifestam baixa confiança estão preocupados com as suas relações e dão mais ênfase aos comportamentos negativos dos parceiros minimizando as acções positivas destes, reforçando a ideia de que os seus parceiros são indiferentes (Rempel *et al.*, 2001).

Relativamente às diferenças de género nesta componente relacional existem dados discrepantes. Nalguns estudos as mulheres apresentam níveis mais elevados de confiança, contudo não se obteve estes resultados a partir de outros estudos (King, 2002), não tendo também sido avançadas possíveis explicações para estes resultados divergentes.

Dado que o compromisso e a confiança nos parceiros constituem factores essenciais para a estabilidade relacional, quando estes não estão consolidados, as relações são instáveis podendo ocorrer rupturas na relação (separações-reconciliações).

3. A relação de namoro nos jovens adultos

O período do desenvolvimento em que se insere os *jovens adultos* marca o fim da adolescência e o início da idade adulta. Esta fase do desenvolvimento humano caracteriza-se pelo aumento da autonomia, expansão da sua rede de relações, maior oportunidade para explorar a sua identidade e as suas visões do mundo e, principalmente, estabelecer relações íntimas com os pares, nomeadamente com os parceiros românticos (Arnett, 2000; Sumner, 2013).

De acordo com a teoria de Erikson (1963, cit. por Arnett, 2000; Cabral, 1995; Conger *et al.*, 2000; Marchand, 2001; Schultz & Schultz, 2002), os jovens adultos são definidos dentro de uma faixa etária que vai dos 18 aos 30/35 anos, pautada pelo conflito entre dois pólos: a *intimidade* e o *isolamento*. A sua resolução constitui a principal tarefa de desenvolvimento psicossocial desse período. Quando este conflito é resolvido com sucesso os jovens adultos são capazes de integrar o seu *eu* no *nós*, criando uma relação de intimidade com o outro. Caso contrário, desenvolvem um sentimento de isolamento que se traduz na tendência para se distanciar e afastar das pessoas que possam ameaçar a sua identidade.

Por seu lado, Levinson (1978, cit. por Arnett, 2000) designa de *fase novíça do desenvolvimento* o período entre os 17 e os 33 anos destacando que a principal tarefa dos indivíduos que se inserem neste grupo etário é entrarem no mundo adulto e construírem uma vida estável.

Segundo Arnett (2000), os *jovens emergentes*, designação que utiliza para os indivíduos dos 18 aos 25 anos, têm oportunidade de explorar várias áreas como amor, trabalho e as suas visões do mundo. Ao contrário do que o autor sugere, a designação de *jovens adultos* tem sido a mais empregue nos estudos utilizando esta população (Chase-Lansdale, Cherlin & Kiernan, 1995; Cui *et al.*, 2011; Riggio & Valenzuela, 2011; Toomey & Nelson, 2001; Washington & Hans, 2013).

Parece não existir consenso relativamente aos limites de idade nem à designação do período de desenvolvimento entre o final da adolescência e o início da vida adulta. Contudo, os 18 anos parecem ser um bom marco para o fim da adolescência e início da idade adulta, nomeadamente por razões legais. Independentemente destas questões é globalmente aceite que o desenvolvimento de relações românticas marca este período na vida dos indivíduos sendo o seu sucesso indicador de êxito alcançado nesta fase (Arnett, 2000; Arnett, 2004 cit. por Cusimano & Riggs, 2013; Conger *et al.*, 2000; Cui *et al.*, 2011; Yu, 2007). A capacidade de estabelecer e manter relações de namoro, de forma satisfatória, promove o bem-estar físico e psicológico no indivíduo (Musick & Bumpass, 2012 cit. por Rauer *et al.*, 2013). Por outro lado, as dificuldades manifestadas nesta tarefa estão associadas a *distress* físico e emocional (House, Landis & Umberson, 1988; Simon & Mascussen, 1999; Weiss & Heyman, 1997; Wickrama, Lorenz, Conger & Elder, 1997 cit. por Cui & Fincham, 2010). Alguns autores enfatizam também que os comportamentos, crenças e padrões relacionais estabelecidos pelos jovens adultos no namoro antevêm as suas relações em idades mais avançadas e noutro tipo de relação,

nomeadamente relação de coabitação ou conjugal (Conger *et al.*, 2000; Raley, Criseey & Muller, 2007 cit. por Cui *et al.*, 2011).

Tal como referido anteriormente, é patente a influência dos padrões de vinculação em diversas dimensões das relações românticas. Assim, ao longo do desenvolvimento os indivíduos mudam gradualmente de figuras de vinculação, transferindo-as dos pais para os pares no período da adolescência e, mais tarde, para os parceiros românticos (Guedeney, 2004; Morgan & Shaver, 1999; Moura & Matos, 2008; Pascuzzo *et al.*, 2013). Apesar das interações menos frequentes entre pais e filhos durante este período do desenvolvimento a qualidade das relações estabelecidas com os pais continuam a contribuir de forma positiva para o bem-estar psicológico (sintomas de *distress*, relações interpessoais e papéis sociais) tanto dos adolescentes como dos jovens adultos (Caron, Lafontaine, Bureau, Levesque & Johnson, 2012).

3.1. Conflito interparental

O *conflito interparental* tem sido considerado um factor de vulnerabilidade para o bem-estar das crianças e jovens (Amato *et al.*, 1995; Cusimano & Riggs, 2013). Grych & Fincham (1990) propuseram o *modelo cognitivo-contextual* de modo a compreender a associação entre o conflito interparental e o ajustamento dos filhos. Segundo este modelo, o conflito interparental é caracterizado por quatro dimensões: intensidade, conteúdo do conflito, duração e resolução do mesmo. A intensidade refere-se ao grau de hostilidade expresso ou ocorrência de agressão física entre os progenitores. O conteúdo do conflito tem em conta a percepção de envolvimento, culpa ou triangulação no conflito interparental. A duração diz respeito ao tempo de exposição dos filhos ao conflito e, por fim, a resolução refere-se à forma como os conflitos são resolvidos. Se os filhos percebem os pais como sendo capazes de lidar com o conflito de forma construtiva, é transmitido um modelo eficaz de resolução de problemas.

O modelo enfatiza também a importância do contexto em que o conflito ocorre e a forma com os filhos avaliam e interpretam o significado do conflito entre os pais e as possíveis implicações para o seu bem-estar. As avaliações dos filhos relativos ao conflito interparental têm em conta o grau em que se sentem ameaçados e incapazes de lidar com o mesmo, se o conflito se reporta a assuntos relacionados com eles e o grau em que se culpabilizam pelo conflito entre os pais. O modelo propõe que as respostas dos filhos ao conflito interparental são mediadas por dois níveis de processamento de

avaliação. O primeiro envolve uma resposta principalmente afectiva, enquanto que o segundo se reporta à compreensão dos motivos do conflito e a decisão de como lhe responder. As crianças tendem a utilizar o nível mais básico de processamento ao contrário dos jovens que, devido à sua maturidade cognitiva, têm capacidade para compreender as ameaças, focando as suas respostas nos problemas (Bickham & Fiese, 1997; Grych & Fincham, 1990; Grych, Harold & Miles, 2003; Grych *et al.*, 1992; Masarik *et al.*, 2013; Moura *et al.*, 2010).

A partir do modelo desenvolvido por Grych & Fincham (1990), surgiram diversos dados empíricos no que diz respeito aos efeitos do conflito interparental em crianças e adolescentes, sendo a definição de conflito interparental proposta por estes autores a mais usada na literatura. O conflito pode ser classificado como manifesto (*overt*) ou dissimulado/disfarçado (*covert*). O primeiro refere-se a comportamentos e expressão de afectos hostis evidentes na interacção dos pais, enquanto que o dissimulado/disfarçado engloba os mesmos comportamentos e afectos hostis mas numa forma passivo-agressiva (Bradford, Vaughn & Barber, 2008). Os estudos documentam que os conflitos interparentais que são manifestos, intensos e sobre conteúdos relacionados com os filhos estão associados a pior ajustamento destes comparativamente com os conflitos menos evidentes, menos intensos e não relacionados com os filhos (Davies & Cummings, 2006 cit. por Cui *et al.*, 2011; Grych & Fincham, 1990; Grych *et al.*, 2003; Grych *et al.*, 1992).

Tal como enfatizado no modelo cognitivo-contextual, os estudos têm corroborado a importância das avaliações dos filhos relativamente ao conflito interparental. O sentimento de culpa e de ameaça, perante o conflito interparental, parece estar particularmente associado a problemas de internalização exibido pelas crianças e jovens (Grych, Fincham, Jouriles & McDonald, 2000; Grych *et al.*, 2003; Grych *et al.*, 1992; Rhoades, 2008).

Os dados sobre o impacto do conflito interparental nos rapazes e raparigas têm sido inconsistentes. No estudo de Herzog & Cooney (2002) verificou-se um maior efeito do conflito interparental nas filhas do que nos filhos. No entanto, na meta-análise de Rhoades (2008), não se verificou a existência de diferenças significativas na extensão do impacto do conflito interparental nos rapazes e raparigas. Constata-se, no entanto, diferenças nos graus de conflito interparental, sendo que as filhas descrevem níveis significativamente mais elevados do que os filhos (Henry & Holmes, 1998; Herzog & Cooney, 2002). Segundo Herzog & Cooney (2002), este dado poderá dever-se ao facto

das filhas passarem mais tempo em casa do que os filhos para além do seu maior envolvimento na relação parental o que contribui para a percepção de níveis mais elevados de conflito exibido entre os pais (Vuchinich, Emery & Cassidy, 1988; Youniss & Smollar, 1985).

Posteriormente, os investigadores focaram-se também nos efeitos do conflito interparental nos jovens adultos, no entanto, permanece uma considerável discrepância entre o volume de estudos focando os efeitos em crianças e adolescentes e aqueles dirigidos aos jovens adultos. Os dados dos estudos empíricos têm revelado que jovens adultos expostos a níveis mais elevados de conflito interparental parecem apresentar maior probabilidade de ocorrência de distúrbio depressivo, abuso ou dependência de álcool e reduzida auto-estima (Turner & Kopiec, 2006). Além disso, o conflito interparental parece também ter impacto nas capacidades psicológicas e relacionais na idade adulta e nas possíveis mudanças ao nível da vigilância sobre ameaças (Luecken & Appelhans, 2005; Riggio, 2004; Riggio & Valenzuela, 2011). Diversos autores (Cui & Fincham, 2010; Cui, Fincham & Pasley, 2008 cit. por Cui *et al.*, 2011; Cusimano & Riggs, 2013; Segrin, Taylor & Altman, 2005) verificaram o impacto do conflito interparental ao nível da qualidade e manutenção de relações românticas por parte dos filhos jovens adultos. Cui & Fincham (2010) propõem uma explicação para a influência do conflito interparental na qualidade das relações dos filhos jovens adultos baseada nos princípios da teoria da aprendizagem social. Segundo estes autores, os jovens adultos cujos pais exibem alto conflito reproduzem esse comportamento nas suas relações com os seus parceiros românticos o que afecta a qualidade relacional.

Os dados provenientes da literatura têm demonstrado um efeito particularmente nefasto do alto conflito interparental nos filhos podendo contribuir para o desenvolvimento de crenças mais negativas quanto ao estabelecimento de relações românticas. Presenciar alto conflito interparental parece estar associado a mais medo da intimidade e menos intimidade emocional (Kirk, 2002; Westervelt & Vanderberg, 1997 cit. por Bartell, 2006). No entanto, Toomey & Nelson (2001) revelam que filhos de pais com alto conflito não diferem em termos de níveis de intimidade com os seus parceiros quando comparados com jovens adultos cujos pais exibem baixo conflito. Jovens adultos filhos de pais com alto conflito parecem também apresentar dificuldades de resolução de conflitos nas relações românticas que estabelecem e revelam ser mais cautelosos sobre a possibilidade de se casarem (Delevi, Cornille & Cui, 2012; Toomey & Nelson, 2001).

3.2. Estatuto conjugal dos pais

Nas últimas décadas surgiram diversos dados empíricos suportando a *transmissão intergeracional do divórcio*, sendo que filhos de pais divorciados apresentam maior probabilidade de virem a terminar os seus próprios casamentos, quando comparados com filhos de pais não divorciados. Este dado tem sido justificado pelo facto de filhos de pais divorciados deterem reduzido compromisso para o casamento e apresentarem menor confiança de que os casamentos podem permanecer estáveis e felizes (Amato & DeBoer, 2001; Whitton, Rhoades, Stanley & Markman, 2008). Têm sido avançadas duas possíveis explicações para a transmissão intergeracional do divórcio, ambas baseadas nos princípios da aprendizagem social. A primeira sugere que, os pais divorciados transmitem menos competências aos seus filhos. De facto, segundo diversos autores (Amato & Rogers, 1997; Gottman, 1994; Leonard & Roberts, 1998; Olson, 1990 cit. por Crowell, Treboux & Brockmeyer, 2009) as relações que acabam em divórcio são marcadas por fracas competências ao nível da resolução de conflitos, expressão emocional e comunicação. A segunda possível explicação propõe que os pais divorciados transmitem baixo compromisso para o casamento, e portanto, atitudes favoráveis ao divórcio, que se reflectem na forma como os filhos se comprometem nos seus casamentos (Amato & DeBoer, 2001; Crowell *et al.*, 2009).

Na literatura encontram-se dados inconsistentes advindos dos diversos estudos comparando jovens adultos filhos de pais divorciados com jovens adultos cujos pais vivem juntos. Por um lado, alguns estudos têm sugerido que filhos de pais divorciados revelam atitudes mais favoráveis relativamente ao divórcio e mais pessimismo sobre as relações em geral (Amato & Booth, 1991; Cui & Fincham, 2010; Cui *et al.*, 2011; Henry & Holmes, 1998; Kapinus, 2004; Riggio & Weiser, 2008). Parecem revelar também menor compromisso relacional e desejar menos relações de longa duração, quando comparados com homólogos cujos pais vivem juntos (Booth, Brinkerhoff & White, 1984; Cui & Fincham, 2010; Cui *et al.*, 2011; Wallerstein & Blakeslee, 1989 cit. por Jacquet & Surra, 2001; Riggio, 2004). Contudo, estes dados são inconsistentes com os resultados obtidos por Jacquet & Surra (2001) que não apoiam a ideia de que jovens adultos com pais divorciados registem menor compromisso nas suas relações com os parceiros.

Conforme Bartell (2006), os jovens adultos filhos de pais divorciados parecem ter maior probabilidade de exibir padrões de comportamentos negativos (*e.g.*, dificuldades de resolução de problemas) podendo-se esperar que registem menor satisfação

relacional. No entanto, os resultados referentes a esta hipótese têm sido divergentes. Dados do estudo de Ross & Mirowsky (1999 cit. por Bartell, 2006) dão suporte a esta hipótese, no entanto, outros autores não a corroboram (Kirk, 2002 cit. por Mark & Harvey, 2006; Sanders, Halford & Behrens, 1999 cit. por Bartell, 2006). Bartell (2006) explica esta variabilidade de resultados tendo em conta a multiplicidade de metodologias utilizadas e ainda a diversidade nas experiências do divórcio dos pais que se podem repercutir em diferentes resultados.

Também ao nível da dificuldade percebida em estabelecer uma relação íntima, do medo de intimidade, do risco percebido de se envolverem em relações românticas ou na satisfação com as mesmas não foram reveladas diferenças nos jovens adultos cujos pais tinham estatutos conjugais diferentes (Feldman, Gowen & Fisher cit. por Bartell, 2006; Henry & Holmes, 1999; Johnston & Thomas, 1996; Kirk, 2002 cit. por Bartell, 2006).

Alguns estudos demonstraram uma associação negativa entre o divórcio dos pais e a confiança dos jovens nos seus parceiros românticos mas apenas para as mulheres (Jacquet & Surra, 2001; Whitton *et al.*, 2008). Tanto Jacquet & Surra (2001) como Whitton *et al.*, (2008) justificam este dado argumentando que a socialização das mulheres é orientada para o estabelecimento e manutenção das relações e expressão de emoções (Gilligan, 1982). Segundo o argumento destas autoras, as jovens adultas filhas de pais divorciados conhecem em primeira mão a fragilidade relativa às relações, confiando de forma mais cautelosa nos seus parceiros. No entanto, King (2002) não obteve associação entre o divórcio dos pais e a confiança referente aos parceiros. Porém, os dados do estudo de Schaick & Stolberg (2001) apontam que o estatuto conjugal dos pais influencia a confiança nos parceiros dos filhos principalmente quando estes são divorciados. Estes autores não encontraram contudo diferenças de género. Outros dados apontam que filhos de pais divorciados diferem apenas no nível de confiança que terão num futuro cônjuge (Franklin, Janoff-Bulman & Roberts, 1990; Kushner, 2009), quando comparados com filhos de pais não divorciados. Kushner (2009) argumenta que os filhos de pais divorciados exibem menos confiança num futuro cônjuge devido à falta de uma representação interna de como uma relação pode funcionar com sucesso e ao longo do tempo.

De acordo com Sanders, Halford & Behrens (1999 cit. por Whitton *et al.*, 2008) e Mustonen, Huurre, Kiviruusu & Haukkala (2011), o divórcio dos pais influencia mais as filhas do que os filhos. Mustonen *et al.* (2011) justificam este dado explicando que na maioria das vezes, os filhos permanecem com as mães após o divórcio o que pode

influenciar as raparigas a adoptar atitudes mais negativas em relação ao casamento por identificação com as progenitoras. Dados empíricos sugerem ainda diferenças de género no que diz respeito às atitudes em relação ao divórcio, parecendo que as filhas de pais divorciados têm atitudes mais favoráveis à dissolução do casamento quando comparadas com as suas homólogas. Kapinus (2004) sugere a necessidade de realização de estudos longitudinais que possibilitem uma melhor compreensão das diferenças de género nas atitudes sobre o divórcio.

Filhas de pais divorciados apresentam mais preocupação sobre o medo do abandono e menos compromisso, confiança conjugal e satisfação (Henry & Holmes, 1998; Jacquet & Surra, 2001; Whitton *et al.*, 2008). Jacquet & Surra (2001) sugerem que a insatisfação revelada pelas filhas de pais divorciados poderá estar associada a baixos níveis de confiança, altos níveis de conflito presentes nas suas relações e maior ambivalência, contudo não avançam justificações para a diferença nos resultados de ambos os sexos.

3.3. Estatuto conjugal e conflito interparental

Segundo Hetherington (2003) tanto o divórcio como o conflito entre os pais contribuem para a instabilidade manifestada pelos filhos. Contudo, encontra-se na literatura um vasto rol de resultados inconsistentes relativamente ao estatuto conjugal dos pais e conflito interparental e os seus efeitos no estabelecimento e manutenção de relações românticas dos filhos jovens adultos.

De acordo com os resultados obtidos por Amato & DeBoer (2001), o divórcio dos pais tem maior impacto na dissolução das relações da prole e no menor compromisso para o casamento do que o conflito interparental. Contudo, diversos autores têm defendido que o conflito manifestado pelos pais, mais do que o divórcio em si, demonstra ser o factor determinante na explicação das dificuldades manifestadas pelos filhos (Amato *et al.*, 1995; Cui *et al.*, 2011; Henry & Holmes, 1998). Vanderberg (1997, cit. por Yu, 2007) encontrou diferenças ao nível da intimidade nas relações românticas dos jovens adultos dependendo do nível de conflito entre os pais mas não em relação ao estatuto conjugal dos mesmos.

Strohschein (2005) demonstrou que jovens adultos filhos de pais com alto conflito e que posteriormente se divorciaram, revelam melhor ajustamento do que jovens adultos filhos de pais que vivem juntos e que exibem alto conflito. A partir destes dados pode

concluir-se que em caso de alto conflito interparental, por vezes o divórcio dos pais é visto como um alívio, sendo este dado congruente com a *hipótese do alívio de stress*, formulada por Wheaton (1990, cit. por Yu, 2007; Kozuch & Cooney cit. por Sumner, 2013; Lambert, 2007). Segundo esta hipótese um evento de vida potencialmente stressante como o divórcio dos pais, pode ter efeitos benéficos nos filhos por serem retirados de um ambiente hostil, como o que é vivenciado face ao alto conflito interparental.

No entanto, o divórcio nas famílias de baixo conflito interparental parece ter efeitos mais negativos para os filhos, nomeadamente ao nível da intimidade, sentimentos de isolamento e bem-estar psicológico por estes não anteciparem o término da relação conjugal dos pais (Amato & DeBoer, 2001; Amato *et al.*, 1995; Kushner, 2009). Porém, os resultados do estudo de Cui e colaboradores (2011) indicam que estes indivíduos mantêm relações mais estáveis e, conseqüentemente, menor probabilidade de dissolverem a relação estabelecida com os seus parceiros.

No seu estudo, Henry & Holmes (1998) constataram não existir diferenças de género nas avaliações feitas pelos jovens adultos sobre o conflito nas suas famílias. Contudo, no grupo de jovens adultos filhos de pais divorciados, as raparigas apontaram mais conflito interparental comparativamente aos rapazes. O conflito parece ter tido também impacto nas relações com os parceiros, verificando-se que os rapazes, filhos de pais em alto conflito, se mostraram menos optimistas no futuro das suas relações e menos confiantes nas suas parceiras.

Os resultados do estudo de Moura & Matos (2008) revelaram diferenças de género no que diz respeito às avaliações dos jovens quanto ao conflito interparental, verificando que indivíduos do sexo feminino apresentaram níveis mais elevados de percepção de conflito e ameaça, quando comparados com indivíduos do sexo masculino. Estes autores justificam que as jovens tendem a investir mais nos seus relacionamentos interpessoais, encontrando-se emocionalmente mais próximas dos seus pais, podendo ser mais sensíveis aos seus conflitos.

4. Metodologia

4.1. Objectivos e natureza do estudo

Com o propósito de contribuir para o aumento do conhecimento sobre os efeitos do conflito interparesntal na relação de namoro de jovens adultos ao nível da qualidade e estabilidade relacionais, delineou-se para o presente estudo de natureza quantitativa e exploratória os seguintes objectivos:

1. Avaliar a percepção dos jovens adultos sobre:
 - a) conflito interparesntal.
 - b) satisfação e compromisso na relação e confiança nos parceiros.
2. Analisar a relação entre a percepção do conflito interparesntal, satisfação, compromisso e confiança relacionais.
3. Determinar diferenças de género e do estatuto conjugal dos pais na percepção do conflito interparesntal e percepção de satisfação e compromisso e confiança relacionais.

No presente trabalho foi adoptada a definição de conflito interparesntal mais usada na literatura, proposta por Grych & Fincham (1990), que tem em conta a sua frequência, intensidade, conteúdo e resolução do conflito. A percepção do conflito interparesntal foi avaliada pela versão portuguesa da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC, Moura, Santos & Matos, 2006/2010, Grych, Seid & Fincham, 1992). Este instrumento tem revelado adequadas qualidades psicométricas em várias investigações (Bickham & Fiese, 1997; Cusimano & Riggs, 2013; Grych, 2005; Grych *et al.*, 2003).

No que diz respeito à satisfação na relação de namoro foi adoptada a definição de Hendrick (1988) que a conceptualiza como os sentimentos subjectivos dos parceiros relativamente às suas relações. A satisfação foi avaliada através da versão portuguesa da *Relationship Assessment Scale* (RAS, Santos, Feijão & Mesquita, 2000; Hendrick, 1988) que pode ser denominada, em português, por *Escala de Avaliação da Relação*. A escolha deste instrumento prendeu-se com o facto de estar traduzida em português e ter revelado adequadas propriedades psicométricas em diversas investigações (Dinkel & Balck, 2005; Lind, 2008; Moreira *et al.*, 2006; Shi, 2003; Vaugh & Baier, 1999) e pela rapidez e facilidade no seu preenchimento.

Dentro do enquadramento realizado para o conceito de compromisso na relação, foi adoptada a definição de compromisso por dedicação de Stanley & Markman (1992) que

se refere ao desejo intrínseco de um indivíduo manter ou melhorar a relação íntima estabelecida com os parceiros. O compromisso na relação de namoro foi assim avaliado através da *Escala de Compromisso Pessoal* (ECP, Monteiro, Ramalho, Ribeiro & Pinto, 2013, versão portuguesa da *Dedication Scale*, Stanley, 1986). Optou-se pela utilização da ECP por este instrumento estar traduzido e adaptado à população portuguesa, pela sua rápida administração e por ter revelado boas qualidades psicométricas em numerosas investigações (Owen *et al.*, 2011; Rhoades *et al.*, 2006, 2009, 2012b; Stanley *et al.*, 2004).

Adoptou-se a definição de confiança nos parceiros de Rempel e colaboradores (1985) que engloba a consistência e estabilidade do comportamento dos parceiros, a apreciação das qualidades e características específicas dos mesmos como fidedignos e honestos e a segurança emocional de que os parceiros serão cuidadosos e responsivos às suas necessidades. A confiança nos parceiros foi assim avaliada através da *Trust in Close Relationships Scale* (TCRS, Rempel, Holmes & Zanna, 1985, versão traduzida para este estudo). A escolha deste instrumento fundamentou-se nas boas qualidades psicométricas do instrumento (Campbell, Simpson, Boldry & Rubin, 2010; Rempel *et al.*, 2001; Wieselquist *et al.*, 1999) e pela sua rápida aplicação do mesmo.

4.2. Obtenção, selecção e caracterização da amostra

O procedimento de obtenção da amostra seguiu um processo de amostragem não probabilístico, designado de propagação geométrica (ou *snowball*) (Marôco, 2011), resultando numa amostragem de conveniência obtida através da divulgação do estudo e pedido de colaboração na rede social da autora, sendo ainda feita referência para que os participantes difundissem o estudo a sujeitos que preenchessem as condições requeridas.

Os participantes deviam preencher cumulativamente as seguintes condições: a) ter idade compreendida entre os 18 e os 25 anos; b) ter nacionalidade portuguesa e como língua materna o Português; c) estar envolvido numa relação de namoro heterossexual e d) não coabitar com o(a) parceiro(a).

Parece não existir consenso na literatura sobre os limites de idade da fase de desenvolvimento relativa ao jovem adulto, variando entre os 17 e os 35 anos. Optou-se por adoptar o período entre os 18 e os 25 anos, como definido por Arnett (2000).

Apesar de se presumir que o desenvolvimento do compromisso com a relação e a confiança nos parceiros requeira tempo, aparentemente, na literatura, não se define a

duração mínima para que estas características relacionais sejam adquiridas. Desta forma, foram admitidas as respostas dos participantes que tinham estabelecido uma relação heterossexual há pelo menos um mês.

Segundo alguns autores (Forste & Tanfer, 1996 cit. por Rhoades *et al.*, 2012b) as relações de coabitação são mais semelhantes às relações de namoro do que às de casamento, no entanto, os estudos têm demonstrado que os indivíduos numa relação de coabitação demonstram mais compromisso, porém, menos satisfação. Existem ainda evidências da diferença entre coabitar com os parceiros tendo já planos para casar ou não, sendo que indivíduos do sexo masculino tendem a registar menor compromisso quando coabitam com as suas parceiras sem anúncio oficial de desejo de casar (noivado) (Rhoades *et al.*, 2012a, 2012b). Tendo em conta estes dados optou-se por não incluir os indivíduos que coabitam com os seus parceiros.

Neste estudo, participaram cento e noventa e três sujeitos ($n=193$) sendo que 16,6% ($n=32$) pertencem ao sexo masculino e 83,4% ($n=161$) ao sexo feminino. A amplitude de idades dos participantes é de 18 a 25 anos ($M= 21.89$; $DP= 1.80$). Relativamente ao estatuto conjugal dos pais, a maioria dos participantes tem actualmente os pais casados ou em união de facto (74.6%, $n=144$), enquanto que 25.4% da amostra ($n=49$) tem os pais divorciados ou separados. Quanto à idade dos participantes quando os seus pais se divorciaram/separaram, obteve-se uma média de 9,63 ($DP= 6.19$)², verificando-se uma amplitude entre zero anos a vinte e dois anos.

A duração do namoro foi calculada em meses e varia entre um mês e cento e vinte meses de tempo de relacionamento. A média obtida foi de 32.94 ($DP= 25.35$). O facto de se ter convertido o tempo da relação de namoro de alguns casos para meses relaciona-se com a maior facilidade no tratamento dos dados. Quanto a rupturas no namoro actual, a maioria dos sujeitos da amostra (71,5%, $n= 138$) não registaram nenhuma ruptura. No entanto, 28.5% ($n=55$) da amostra mencionou já terem ocorrido rupturas na relação actual, numa média de 1.93 ($DP= 1.30$)³, verificando-se que o número mínimo foi de uma ruptura e o máximo de sete. O Quadro 1 apresenta a caracterização da amostra.

Quanto ao agregado familiar, a maioria dos participantes vive com ambos os pais e com irmãos (39.9%, $n= 77$) seguindo-se habitar com ambos os pais (24.9%, $n= 48$) e apenas com a mãe (10.4%, $n= 20$).

² Para esta análise a amostra foi constituída por 48 participantes, devido à existência de um dado omissos

³ Para esta análise considerou-se a resposta de 54 indivíduos, existindo um dado omissos

Quadro 1. *Caracterização da amostra*

	Estatística descritiva	Freq.(%) (n=)
Sexo		
Masculino		16.6% (n= 32)
Feminino		83.6% (n= 161)
Idade (anos)		
	<i>M</i> = 21.89	
	<i>DP</i> = 1.80	
	Mínima= 18	
	Máxima= 25	
Estatuto conjugal dos pais		
Casados/União de facto		74.6% (n= 144)
Divorciados/Separados		25.4% (n= 49)
Idade aquando do divórcio dos pais (anos)		
	<i>M</i> = 9.63	
	<i>DP</i> = 6.19	
	Mínima= 0	
	Máxima= 22	
Duração do namoro (meses)		
	<i>M</i> = 32.94	
	<i>DP</i> = 25.35	
	Mínima= 1	
	Máxima= 120	
Existência de Rupturas na relação actual		
Não		71.5% (n= 138)
Sim		28.5% (n= 55)
Número de rupturas		
	<i>M</i> = 1.93	
	<i>DP</i> = 1.30	
	Mínimo= 1	
	Máximo= 7	

4.3. Instrumentos

4.3.1. Questionário sócio-demográfico

Para a recolha de dados sócio-demográficos foi elaborado um questionário (Anexo A) no qual era pedido aos participantes que indicassem os seguintes dados: idade, sexo, constituição do agregado familiar, estatuto conjugal dos pais. Mediante a resposta dada relativamente ao estatuto conjugal dos pais (casados/união de facto vs divorciados/separados) foi pedido aos últimos que indicassem a idade aquando do divórcio/separação dos pais. Questionou-se ainda sobre a duração do namoro (em meses ou anos) e a ocorrência de rupturas na relação actual.

4.3.2. *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC) (Anexo B⁴ e C⁵).

A percepção do conflito interparental foi avaliada pela versão portuguesa da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC, Moura *et al.*, 2006/2010, Grych *et al.*, 1992).

Este instrumento é baseado no *modelo cognitivo-contextual* desenvolvido por Grych & Fincham (1990) que defende que o ajustamento dos filhos relativo ao conflito interparental varia em função das características do conflito (intensidade, conteúdo do conflito, duração e resolução), do contexto e da avaliação e interpretação sobre os motivos mesmo. De modo a identificarem as características do conflito, Grych e colaboradores (1992) desenvolveram a CPIC que é um instrumento de auto-relato constituído por 48 itens organizados em nove subescalas relativas ao conflito interparental: *Frequência*, *Intensidade*, *Resolução*, *Conteúdo*, *Percepção de ameaça*, *Eficácia de Coping*, *Culpa*, *Triangulação* e *Estabilidade*. Grych *et al.* (1992) conceberam teórica e estatisticamente três factores: *Propriedades do Conflito*, *Culpa* e *Ameaça*. As *Propriedades do Conflito* avaliam a percepção do jovem relativamente ao conflito entre os pais e contém 19 itens (*Frequência*: itens 1, 9, 14, 17, 26 e 34; *Intensidade*: 4, 12, 21, 30, 35, 37 e 42; *Resolução*: 2, 10, 18, 27, 38 e 45). A dimensão *Culpa* procura avaliar o grau em que o sujeito se culpabiliza pelo conflito interparental e

⁴ Versão para filhos de pais casados/união de facto

⁵ Versão para filhos de pais divorciados/separados

engloba 9 itens (*Conteúdo*: 3, 19, 28 e 36; *Culpa*: 8, 16, 25, 40 e 47). Por fim, a dimensão de *Ameaça* pretende avaliar a percepção de ameaça e medo relativa ao conflito interparental e a capacidade de lidar com o mesmo e contém 12 itens (*Percepção de ameaça*: 6, 15, 23, 32, 39 e 44; *Eficácia de Coping*: 5, 13, 22, 31, 43 e 48).

Inicialmente o instrumento era composto por 51 itens tendo sido excluídos três por apresentarem baixas correlações. Os itens pertenciam às subescalas de *Triangulação*, *Estabilidade* e *Conteúdo*.

No seu estudo inicial, Grych *et al.* (1992) avaliaram a validade e consistência interna em duas amostras, constituídas por crianças entre os 9 e 12 anos, apresentando valores de alfa de Cronbach que se revelaram adequados, variando entre .61 e .90. Através de análise factorial exploratória os autores constataram que as escalas de *Estabilidade* e *Triangulação* não eram consistentes. Na primeira amostra a escala de *Estabilidade* saturou no factor de *Propriedades do Conflito* e a *Triangulação* no factor de *Ameaça*, enquanto que na segunda amostra, ambas as escalas saturaram no factor de *Culpa*. Perante isto, os autores decidiram não integrar as escalas de *Estabilidade* (itens: 11, 20, 29 e 46) e *Triangulação* (itens: 7, 24, 33 e 41) nos três factores concebidos sugerindo que poderiam ser vistas como escalas independentes.

Posteriormente, Bickham & Fiese (1997), com uma amostra de jovens entre os 17 e os 21 anos, verificaram que a escala de *Triangulação* e *Estabilidade* saturava no factor das *Propriedades do Conflito*. Desta forma, os autores propuseram um modelo de três factores com nove escalas, apresentando boa consistência interna com valores de alfa de Cronbach variando entre .85 e .95. Bickham & Fiese (1997), sugeriram que as escalas de *Triangulação* e *Estabilidade* podem ter um significado diferente para jovens mais velhos, podendo ser melhor compreendidas por estes por necessitarem de sofisticação cognitiva inexistente nas crianças.

As respostas à CPIC são dadas numa escala do tipo *Likert* de seis pontos variando de 1 (“Discordo totalmente”) a 6 (“Concordo totalmente”). Os itens 1, 2, 5, 8, 12, 18, 22, 26, 27, 35, 38 e 47 são cotados de forma inversa. Como exemplos de itens presentes na escala: “As discussões dos meus pais são frequentemente por minha causa” (item 19; *Conteúdo*), “Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça” (item 23; *Percepção de Ameaça*) e “Os meus pais continuam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão” (item 45; *Resolução*).

No estudo de adaptação da CPIC à população portuguesa, os resultados de Moura *et al.* (2006/2010) corroboraram a organização das escalas presente no estudo original de Grych *et al.* (1992) e obteve-se qualidades psicométricas adequadas. Em termos de consistência interna, os valores de alfa de Cronbach variaram entre .76 e .92 nos três factores (*Propriedades do Conflito*, *Culpa* e *Ameaça*), sendo os valores muito semelhantes aos do instrumento original na amostra 1. No presente estudo, obtiveram-se valores de alfa de Cronbach entre .74 e .94 nos três factores. À semelhança dos estudos da versão original e da adaptação portuguesa, verificou-se um valor de alfa de Cronbach baixo na subescala de *Culpa*, pertencente ao factor com o mesmo nome. O Quadro 2 apresenta os valores da consistência interna da CPIC nos factores e respectivas subescalas, na versão original (Grych *et al.*, 1992), na adaptação portuguesa de Moura *et al.* (2006/2010) e no presente estudo.

Quadro 2. *Consistência interna (alfa de Cronbach) dos factores e subescalas da CPIC*

Factores e subescalas	Instrumento original		Aferição portuguesa	Presente estudo
	Amostra 1	Amostra 2		
Prop. Conflito	.90	.89	.92	.94
Frequência	.70	.68	.75	.80
Intensidade	.82	.80	.84	.85
Resolução	.83	.82	.86	.90
Ameaça	.83	.83	.79	.87
Perp.Ameaça	.82	.83	.81	.88
Ef. <i>Coping</i>	.69	.65	.66	.77
Culpa	.78	.84	.76	.74
Conteúdo	.74	.82	.72	.79
Culpa	.61	.69	.57	.45
Triangulação	.71	.62	.60	.65
Estabilidade	.65	.64	.79	.84

Nota: Prof. Conflito – Propriedades do Conflito; Perp.Ameaça – Percepção de Ameaça; Ef. *Coping* – Eficácia de *Coping*

Os valores médios obtidos na versão portuguesa da CPIC variaram entre 2.10 ($DP=.87$) na subescala de *Conteúdo* e 3.15 ($DP=.86$).

Para o presente estudo, foi necessário utilizar duas versões do questionário, com as perguntas formuladas no presente para filhos de pais casados/união de facto e outra em que as questões foram formuladas no passado para serem respondidas por filhos de pais divorciados/separados que se remetiam ao conflito interparental quando viviam com ambos os progenitores. Além disto, foram reformuladas as instruções de forma a torná-las explícitas e específicas às duas versões.

4.3.3. Relationship Assessment Scale (RAS) (Anexo D)

De forma a avaliar o nível de satisfação geral na relação estabelecida com os parceiros foi utilizada a versão portuguesa da *Relationship Assessment Scale* (RAS, Santos *et al.*, 2000; Hendrick, 1988), que se pode denominar em português *Escala de Avaliação da Relação*. A RAS constitui uma versão modificada do *Marital Assessment Questionnaire* (MAQ; Hendrick, 1981 cit. por Hendrick, 1988) dado o interesse em avaliar a satisfação em relações de namoro, e não apenas nas conjugais. Na construção da RAS foram substituídas as expressões específicas ao relacionamento marital por outras que pudessem ser aplicadas a todas as relações românticas (*e.g.*, foi substituída a palavra “casamento” por “relacionamento”). Além dos cinco itens originais da MAQ foram adicionados mais dois.

A RAS é um instrumento de auto-relato constituído por 7 itens de resposta numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos variando as opções de resposta consoante o conteúdo da questão. A título de exemplo, no item 2 “De um modo geral, até que ponto está satisfeito(a) com a sua relação?”, as opções de resposta variam entre 1 (“Muito insatisfeito”) a 5 (“Muito satisfeito”); no item 5 “Até que ponto é que a sua relação tem correspondido às suas expectativas iniciais?”, as opções de resposta variam entre 1 (“Nada”) e 5 (“Completamente”). Os itens 4 e 7 estão redigidos de forma negativa sendo cotados de forma inversa.

No estudo original (Hendrick, 1988), a RAS, através de análise factorial, revelou tratar-se de uma medida unifactorial da satisfação com a relação, apresentando bons indicadores psicométricos, nomeadamente ao nível da consistência interna, obtendo um valor de alfa de Cronbach de .86. As boas qualidades psicométricas do instrumento foram corroboradas noutros estudos, nomeadamente, de Vaughn & Baier (1999), Dinkel & Balck (2005), e Shi (2003), apresentando valores de alfa de Cronbach de .86, .89 e .90, respectivamente. Na adaptação portuguesa do instrumento, Santos e colaboradores

(2000) obtiveram um valor de alfa de Cronbach de .86. No presente estudo, o instrumento revelou igualmente consistência interna elevada, apresentando um valor de alfa de Cronbach de .84. O Quadro 3 apresenta os valores de consistência interna da RAS no estudo da sua versão original (Hendrick, 1988), na adaptação portuguesa de Santos *et al.* (2000) e no presente estudo.

Quadro 3. *Consistência interna (alfa de Cronbach) da RAS*

Escala	Instrumento original	Adaptação portuguesa	Presente estudo
RAS	.86	.86	.84

A RAS tem como vantagens a rapidez no preenchimento e facilidade de aplicação, além dos bons indicadores de precisão e validade. Foi estudada em diversas amostras (*e.g.*, casados e namorados) incluindo grupos clínicos e não-clínicos. De acordo com Hendrick, Dicke & Hendrick (1998, cit. por Lind, 2008) os valores médios das respostas superiores a 4.0 podem ser indicadores de satisfação com a relação, enquanto que valores médios de respostas de 3.5 para os homens e que variem entre 3.0 e 3.5 para as mulheres, indicam, provavelmente, menor satisfação. Contudo, Vaugh & Baier (1999) apontam como limitação da RAS a ausência de um resultado de corte diferenciando indivíduos satisfeitos e insatisfeitos.

4.3.4. Escala de Compromisso Pessoal (ECP) (Anexo E)

De modo a avaliar o nível de compromisso na relação, Stanley (1986) construiu o Inventário de Compromisso (*Commitment Inventory*) que engloba a *Dedication Scale* e *Constraint Commitment Scale*, num total de 36 itens. A *Dedication Scale* é um instrumento unidimensional que avalia o *compromisso por dedicação* na relação íntima, ou seja, o desejo intrínseco de estar com o parceiro, e é constituída por itens relacionados com a *agenda relacional*, o *meta compromisso*, a *identidade de casal*, a *primazia da relação*, a *satisfação com o sacrifício* e a *consideração de alternativas*. A *Constraint Commitment Scale* refere-se a aspectos dos parceiros ou da relação que dificultam a decisão de terminar a mesma, avaliando o *compromisso forçado*, e abrangendo seis subescalas: *investimentos estruturais*, *pressão social*, *procedimentos de*

ruptura, alternativas não atractivas, disponibilidade de parceiros e moralidade do divórcio.

Os estudos têm demonstrado que o compromisso forçado, avaliado pela *Constraint Commitment Scale* não parece suficiente para manter uma relação saudável e tem sido menos associado a estabilidade relacional, ao contrário do compromisso por dedicação, avaliada pela *Dedication Scale* (Adams & Jones, 1997; Owen *et al.*, 2011; Stanley & Markman, 1992).

Posteriormente, perante a necessidade de uma escala mais breve de modo a facilitar o seu uso nos contextos de investigação e clínico, Rhoades *et al.* (2006) introduziram uma versão reduzida da *Dedication Scale* composta por 14 itens de resposta numa escala do tipo *Likert* de sete pontos variando de 1 (“Discordo Fortemente”) a 7 (“Concordo Fortemente”). No estudo de Rhoades e colaboradores (2006), ao nível da consistência interna, o instrumento obteve valores alfa de Cronbach de .76 (em ambos os sexos). A boa consistência interna tem sido corroborada em diversas amostras de indivíduos estabelecendo relações heterossexuais (Rhoades *et al.*, 2006, 2009, 2012b; Stanley *et al.*, 2004).

A *Dedication Scale* foi adaptada à população portuguesa por Monteiro e colaboradores (2013). A versão portuguesa denomina-se de *Escala de Compromisso Pessoal* (ECP, Monteiro *et al.*, 2013), é uma escala unidimensional e encontra-se em fase de validação. Tem demonstrado boas qualidades psicométricas. Ao nível da consistência interna, a escala apresentou valores de alfa de Cronbach de .82. No presente estudo, a ECP obteve um valor de alfa de Cronbach de .77. O Quadro 4 apresenta os valores de consistência interna do instrumento no estudo da versão reduzida de Rhoades *et al.* (2006), na adaptação à população portuguesa por Monteiro *et al.* (2013) e na presente investigação.

Quadro 4. *Consistência interna (alfa de Cronbach) da ECP*

Escala	Versão reduzida	Adaptação portuguesa	Presente estudo
ECP	.76	.82	.77

Na versão portuguesa foram eliminados dois itens (correspondentes aos itens 3 e 10 da escala reduzida original), por não cumprirem os requisitos mínimos de inclusão

(loading < .2) tendo a sua retirada elevado o valor total do alfa de Cronbach. Desta forma, o instrumento é composto por 12 afirmações, sendo os itens 4, 6, 8, 9, 10 e 12 cotados de forma inversa. “Gosto de pensar em mim e no/na meu/minha parceiro (a) mais em termos de ‘nós’ do que ‘eu’ e ‘ele/ela’” (item 3) e “O meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro(a) faz claramente parte dos meus planos para o futuro” (item 5), são exemplos de itens presentes nesta escala.

A média total da amostra na versão portuguesa foi de 5.56 ($DP = .86$), sendo que os indivíduos do sexo feminino registaram uma média de 5.48 ($DP = .86$) e os do sexo masculino média de 5.70 ($DP = .83$).

Para o presente estudo foram realizadas algumas alterações ao nível das instruções dadas aos sujeitos de forma a clarificá-las, acrescentado nomeadamente a referência de que os participantes deveriam responder relativamente ao seu relacionamento actual com o/a seu/sua parceiro(a). Foi ainda substituída a expressão “meu par amoroso” e/ou “meu par” por “meu/minha parceiro(a)” de forma a uniformizar o termo utilizado também noutros instrumentos usados no presente estudo. Relativamente ao item 6 - “As minhas actividades (estudos, emprego, lazer, voluntariado, etc), são mais importantes para mim do que a minha relação com o/a meu/minha parceiro (a)” - foram modificadas as actividades substituindo “carreira, trabalho, lar, filhos” por “estudos, emprego, lazer, voluntariado” de forma a direccionar e adequar às vivências dos jovens adultos.

4.3.5. *Trust in Close Relationships Scale (TCRS)* (Anexo F)

O nível de confiança nos parceiros foi avaliada pela *Trust Scale in Close Relationships* (TCRS, Rempel *et al.*, 1985) traduzida para ser usada neste estudo. Inicialmente esta escala de auto-relato era composta por 26 itens, contudo, os autores excluíram nove itens, três deles por não estarem correlacionados com nenhuma subescala e seis por não se conseguir discriminar adequadamente a que subescala pertenciam. A versão final é constituída por 17 itens englobando três subescalas: *Previsibilidade* (*predictability*; itens: 4, 5, 6, 8 e 14); *Fiabilidade* (*dependability*; itens: 1, 7, 13, 15 e 17) e *Fé* (*faith*; itens: 2, 3, 9, 10, 11, 12 e 16). As subescalas podem ainda ser usadas separadamente ou em conjunto como medida global de confiança no parceiro, tal como utilizada no presente estudo.

No estudo original, em termos de consistência interna, o instrumento apresentou valores de alfa de Cronbach variando entre .70 e .82, na medida global e em cada uma

das subescalas. No presente estudo, ao nível da consistência interna, a TCRS obteve valores de alfa de Cronbach entre .77 e .90, superiores aos verificados na versão original, quer na medida global como em cada uma das subescalas. O Quadro 5 apresenta os valores de consistência interna e respectivas subescalas no estudo da versão original (Rempel *et al.*, 1985) e no presente estudo.

Quadro 5. *Consistência interna (alfa de Cronbach) da escala e subescalas da TCRS*

Escalas e subescalas	Instrumento	
	original	Presente estudo
TCRS Global	.81	.90
Previsibilidade	.70	.77
Fiabilidade	.72	.77
Fé	.80	.86

Neste instrumento podem encontrar-se itens como “O/A meu/minha parceiro(a) comporta-se de uma forma muito consistente” (item 8) e “Sempre que temos de tomar uma decisão importante numa situação nova, eu sei que o/a meu/minha parceiro(a) vai-se preocupar com o meu bem-estar” (item 9). Os itens 4, 5, 6 e 14 são cotados de forma inversa.

A resposta é dada usando uma escala de tipo *Likert* com 7 pontos, variando a escala original entre -3 (“Discordo Fortemente”) e +3 (“Concordo Fortemente”). De forma a uniformizar e facilitar o preenchimento da escala, a forma de classificação foi alterada variando entre 1 (“Discordo Fortemente”) e 7 (“Concordo Fortemente”).

4.4. Procedimento de recolha de dados

Numa fase inicial deste estudo, realizou-se uma aplicação informal a três indivíduos, que preenchiam as condições de participação no estudo, de modo a possibilitar reformulações com base nas sugestões destes sujeitos.

Para a obtenção da amostra, foi criada uma plataforma *online* (GoogleDocs®), na qual se disponibilizaram os instrumentos. A participação no estudo ocorreu pelo acesso a [um link](https://docs.google.com/forms/d/1NIrOjWphU9h_Z4PgluxjEY6vCfEeLEw28M_rq9B) (https://docs.google.com/forms/d/1NIrOjWphU9h_Z4PgluxjEY6vCfEeLEw28M_rq9B

1rY/viewform) tendo os dados sido recolhidos entre o fim do mês de Maio e o início do mês de Agosto de 2013.

De modo a assegurar a privacidade dos participantes não foi questionada qualquer informação irrelevante para os objectivos do estudo, nem registada informação que possibilitasse a identificação dos sujeitos. Além disso, a plataforma criada para este estudo é acedida através de um endereço electrónico protegido por *password* conhecida apenas pela investigadora.

Num primeiro momento da participação era apresentada a investigadora e o âmbito em que se inseria o estudo, bem como as condições de participação no mesmo e a duração no preenchimento dos instrumentos (aproximadamente entre 30 a 40 minutos). Após a garantia de anonimato e confidencialidade, foi apresentada uma declaração de consentimento informado (Anexo G). Foi ainda fornecido o contacto da investigadora, caso os participantes necessitassem de esclarecimentos adicionais ou um resumo, em linguagem não técnica, dos resultados do estudo.

De seguida, foram recolhidas informações de carácter sócio-demográfico, incluindo, idade, sexo, constituição do agregado familiar, estatuto conjugal dos pais. Conforme este estatuto (casados/união de facto vs divorciados/separados) foi pedido aos últimos que indicassem a idade aquando do divórcio/separação dos pais. Questionou-se ainda sobre a duração do namoro (em meses ou anos) e a ocorrência de rupturas na relação actual. Após a submissão das respostas, era feito um agradecimento à colaboração e disponibilizada a solicitação do resumo dos resultados do estudo.

Para este estudo optou-se pela disponibilização dos instrumentos *online* por envolver uma série de vantagens: garantia de confidencialidade e o anonimato dos participantes, maior rapidez no acesso e resposta dos participantes, menor custo, possibilidade de divulgação a um maior número de indivíduos, constituição directa de uma base de dados, inibição da desejabilidade social e redirecção e encaminhamento para outra pergunta ou escala (Orosa, Pinto & Sales, 2008). Neste último caso foi usado um filtro que conduziu a versões diferentes da escala para avaliar a percepção do conflito interparental em filhos de pais casados/união de facto e em filhos de pais separados. Porém este método de recolha de dados comporta desvantagens, tais como a impossibilidade de controlar as condições e ambiente em que os participantes responderam e a participação de indivíduos que não preenchessem as condições requeridas (Orosa *et al.*, 2008).

O primeiro instrumento preenchido pelos participantes, após a recolha de dados sócio-demográficos, foi a RAS por avaliar a satisfação global com a relação, sendo aparentemente um conceito mais abrangente. Seguiu-se a ECP e a TCRS, avaliando, o compromisso para a relação e a confiança nos parceiros, respectivamente. O último instrumento a ser preenchido foi a CPIC, avaliando o conflito interparental, de forma a evitar possível contaminação às respostas aos restantes instrumentos.

5. Resultados

Para o tratamento estatístico dos dados recolhidos recorreu-se ao *Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 20* (SPSS Inc., Chicago, IL) e efectuaram-se análises descritivas, análises de correlações entre variáveis e comparação de grupos.

5.1. Percepção do conflito interpARENTAL

Procedeu-se à análise descritiva dos dados relativamente ao conflito interpARENTAL percebido pelos jovens adultos. O Quadro 6 apresenta as médias e desvios-padrão referentes à escala total, seus factores (*Propriedades do Conflito*, *Ameaça* e *Culpa*) e subescalas (*Frequência*, *Intensidade*, *Resolução*, *Percepção de Ameaça*, *Eficácia de Coping*, *Culpa*, *Conteúdo*, *Triangulação* e *Estabilidade*).

Quadro 6. Média (*M*) e desvio-padrão (*DP*) da escala total, factores e subescalas do conflito interpARENTAL

Escala, factores e subescalas	<i>M</i>	<i>DP</i>
Propriedades do Conflito	3.22	1.21
Frequência	3.23	1.28
Intensidade	3.10	1.26
Resolução	3.35	1.37
Ameaça	3.30	1.13
Percepção de Ameaça	2.98	1.46
Eficácia de <i>Coping</i>	3.62	1.13
Culpa	1.75	.71
Conteúdo	1.56	.75
Culpa	1.89	.81
Triangulação	1.79	1.03
Estabilidade	2.60	1.38
Escala Total	2.81	.88

É possível verificar que o valor médio obtido na escala total da CPIC se encontra ligeiramente abaixo do ponto médio (3). Os factores de *Ameaça e Propriedades do Conflito* são os que apresentam médias mais elevadas, especialmente nas respectivas subescalas de *Eficácia de Coping* e *Resolução*. O valor médio mais baixo foi obtido no factor de *Culpa*, mais concretamente na subescala de *Conteúdo*. Pode concluir-se que os participantes do presente estudo percebem o conflito entre os pais como frequente, intenso, cuja resolução assume uma forma não construtiva. Os resultados revelam também que os sujeitos se sentem ameaçados e mostram dificuldade em lidar com esse conflito.

5.2. Percepção de satisfação e compromisso na relação e confiança nos parceiros

Analizou-se a percepção de satisfação e compromisso na relação de namoro e a confiança nos parceiros, avaliados pelos instrumentos RAS, ECP e TCRS respectivamente. O Quadro 7 apresenta as médias e desvios-padrão obtidos nos três instrumentos: RAS, ECP e TCRS e nas três subescalas deste último.

Quadro 7. Média (*M*) e desvio-padrão (*DP*) da RAS, ECP e TCRS e subescalas da TCRS

Escalas e subescalas	<i>M</i>	<i>DP</i>
RAS	4.26	.57
ECP	5.22	.79
TCRS	5.54	.89
Previsibilidade	5.23	1.19
Fiabilidade	5.38	1.09
Fé	5.87	.92

É possível verificar que o valor médio obtido na RAS é elevado, encontrando-se relativamente próximo do ponto máximo (5), podendo concluir-se que de uma forma geral os participantes estão satisfeitos com as suas relações de namoro. Relativamente à ECP e TCRS, os valores médios encontram-se acima do ponto médio das suas escalas de resposta (3.5), revelando níveis altos de compromisso na relação e de confiança nos parceiros. Os resultados médios das subescalas da TCRS posicionam-se também acima

do ponto médio, sendo a mais elevada a *Fé*. Pode assim concluir-se que os participantes sentem-se, de um modo geral, satisfeitos e comprometidos na relação e confiantes nos seus parceiros, especialmente quanto à segurança de que os seus parceiros serão cuidadosos e responsivos às suas necessidades.

De modo a analisar a influência da existência de rupturas (separações-reconciliações) na relação actual dividiu-se a amostra em dois grupos (grupo 1 – “Sem Rupturas”; grupo 2 – “Com Rupturas”). O Quadro 8 apresenta as médias e desvios-padrão obtidos pelos dois grupos quanto ao conflito interparental, satisfação e compromisso na relação e confiança nos parceiros, avaliados pela CPIC, RAS, ECP e TCRS, respectivamente.

Quadro 8. Média (*M*) e desvio-padrão (*DP*) das variáveis nos grupos “Sem Rupturas” e “Com Rupturas”

Escala, factores e subescalas	Grupo 1 (<i>n</i> = 138)		Grupo 2 (<i>n</i> = 55)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
CPIC	2.80	.91	2.84	.82
Prop.Conflito	3.18	.10	3.31	.16
Frequência	3.21	.11	3.28	.17
Intensidade	3.07	.11	3.17	.17
Resolução	3.28	.12	3.52	.19
Ameaça	3.30	.10	3.30	.14
Perp. Ameaça	3.02	.13	2.88	.19
Ef. <i>Coping</i>	3.58	.10	3.72	.14
Culpa	1.82	.06	1.57	.09
Conteúdo	1.60	.07	1.48	.09
Culpa	1.99	.07	1.64	.10
Triangulação	1.91	.09	2.10	.15
Estabilidade	2.54	.12	2.76	.19
RAS	4.40	.51	3.91	.57
ECP	5.36	.75	4.88	.80
TCSR	5.70	.84	5.17	.88
Previsibilidade	5.43	.09	4.74	.17
Fiabilidade	5.56	.09	4.94	.15
Fé	6.01	.74	5.52	.13

Nota: Grupo 1 – “Sem Rupturas”; Grupo 2 – “Com Rupturas”; Prof.Conf – Propriedades do Conflito; Perp.Ameaça – Percepção de Ameaça; Ef. *Coping* – Eficácia de *Coping*

Verifica-se que em termos médios os indivíduos em cujas relações de namoro ocorreram rupturas, revelam percepção do conflito interparental mais elevado. Contudo, apresentam menor conflito interparental no factor de *Culpa* e nas suas subescalas (*Conteúdo* e *Culpa*) e na subescala de *Percepção de Ameaça* do que os indivíduos em cujas relações não ocorreram rupturas. Estes últimos relevam maior satisfação e compromisso relacional e maior confiança nos seus parceiros. Nas subescalas da TCSR,

relativas à confiança nos parceiros, a média do grupo “Com Rupturas” também se verifica menor sobretudo na subescala de *Previsibilidade*.

De modo a verificar se as diferenças nas pontuações médias dos dois grupos são estatisticamente significativas, foram realizados testes paramétricos, mais concretamente, o teste *t*-Student para amostras independentes. Para a realização de testes paramétricos é necessário o cumprimento de pressupostos, como a normalidade e a homogeneidade de variâncias. Através do teste de Kolmogorov-Smirnov ($n \geq 30$) analisou-se a normalidade das variáveis, constatando-se que este pressuposto foi apenas assegurado na variável do compromisso relacional. Apesar disso optou-se por utilizar testes paramétricos em virtude da dimensão da amostra (grupo 1: $n = 138$; grupo 2: $n = 55$). Segundo Pallant (2007) e Marôco (2011), os testes paramétricos são razoavelmente tolerantes à violação do pressuposto da normalidade, quando as amostras são suficientemente grandes (*e.g.*, > 30). Relativamente ao pressuposto da homogeneidade das variâncias este foi assegurado pelo teste de Levene (Marôco, 2011; Pallant, 2007).

Os resultados revelam não existir diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ao nível da percepção do conflito interparental ($t(191) = -.285, p > .05$). No entanto obteve-se diferenças estatisticamente significativas ao nível da satisfação ($t(191) = 5.736, p \leq .05$), compromisso na relação ($t(191) = 3.901, p \leq .05$) e confiança nos parceiros ($t(191) = 4.294, p \leq .05$). Nas subescalas da CPIC, verificam-se diferenças estatisticamente significativas no factor de *Culpa* ($t(191) = 2.260, p \leq .05$) e respectiva subescala de *Culpa* ($t(191) = 2.798, p \leq .05$). Nas subescalas da TCRS verificam-se igualmente diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos [*Previsibilidade* ($t(191) = 3.734, p \leq .05$); *Fiabilidade* ($t(191) = 3.682, p \leq .05$) e *Fé* ($t(191) = 3.407, p \leq .05$)]. Pode concluir-se que as rupturas (separações-reconciliações) têm impacto nas variáveis relacionais analisadas no presente estudo. Quanto ao conflito interparental, de uma forma geral, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, exceptuando o factor e subescala de *Culpa*, sendo que indivíduos em cujas relações de namoro não ocorreram rupturas sentem-se mais culpados pelo conflito entre os pais.

5.3. Relações entre as variáveis

A análise das relações entre o conflito interparesntal, satisfação e compromisso na relação e confiança nos parceiros foi efectuada usando-se o coeficiente de correlação de Pearson (Anexo H).

Com base nos critérios de Cohen (1988, cit. por Pallant, 2007), a intensidade das correlações entre as variáveis em estudo variam entre fracas (.10 - .29) e fortes (.50 – 1). No que diz respeito ao conflito interparesntal, constata-se uma fraca correlação negativa com a RAS ($r = -.148$) e com a TCRS ($r = -.157$), estatisticamente significativa a $p \leq .05$. No entanto, a correlação negativa entre o conflito interparesntal (CPIC) e o compromisso (ECP) não foi estatisticamente significativa.

É possível verificar fortes correlações, estatisticamente significativas a $p \leq .01$, entre a TCRS e ECP ($r = .497$) e ECP e RAS ($r = .565$). A correlação mais forte verifica-se entre a TCRS e RAS ($r = .739$). Estes resultados sugerem as fortes relações entre as variáveis implicadas na relação de namoro.

A análise da relação entre as escalas e respectivas subescalas da CPIC e TCRS, permite constatar que a maioria dos factores e subescalas da CPIC se correlacionam negativamente com a maioria das escalas RAS, ECP e TCRS, porém, segundo os critérios de Cohen (1988, cit. por Pallant, 2007), as correlações são fracas. Refira-se que o factor de *Ameaça* e a ECP e o factor de *Culpa* e a RAS se correlaciona positivamente, contudo, não são significativas. As correlações estatisticamente significativas a $p \leq .05$ verificam-se entre a RAS e o factor de *Ameaça* ($r = -.156$), RAS e subescala de *Eficácia de Coping* ($r = -.170$) e entre a RAS e a subescala de *Estabilidade* ($r = -.145$). A ECP apenas apresenta correlações negativas estatisticamente significativas com a subescala de *Percepção de Ameaça* ($r = -.145$), no entanto a relação é fraca. No que diz respeito à TCRS, esta correlaciona-se negativamente com a subescala de *Conteúdo* ($r = -.144$), subescala de *Percepção de Ameaça* ($r = -.145$) e factor de *Ameaça* ($r = -.162$). Todas estas correlações são estatisticamente significativas a $p \leq .05$, porém, são fracas. Estatisticamente significativas a $p \leq .01$ apresentam-se as correlações entre a subescala de *Triangulação* e a RAS ($r = -.186$) e a TCRS ($r = -.212$).

Quanto às subescalas da TCRS, verificam-se correlações fracas estatisticamente significativas a $p \leq .01$ entre a subescala de *Previsibilidade* e a ECP ($r = .284$) e fortes entre todas as subescalas da TCRS e a RAS (variando entre $r = .542$ e $r = .725$) e a subescala de *Fiabilidade* e *Fé* com a ECP ($r = .606$ e $r = .467$, respectivamente). Relativamente às correlações entre as subescalas da TCRS e a CPIC, as subescalas de

Fiabilidade e *Fé* apresentam correlações negativas fracas estatisticamente significativas a $p \leq .05$ ($r = -.154$ e $r = -.148$, respectivamente). Entre os factores e subescalas da CPIC e subescalas da TCRS todas as correlações são fracas e negativas, verificando-se correlações estatisticamente significativas a $p \leq .05$ entre a subescala de *Previsibilidade* e a subescala de *Percepção de Ameaça* ($r = -.170$) e entre a subescala de *Fiabilidade* e a subescala de *Conteúdo* ($r = -.144$). A correlação entre a subescala de *Fé* e a subescala de *Eficácia de Coping* é negativa e fraca ($r = -.192$) mas estatisticamente significativa a $p \leq .01$.

5.4. Comparação de grupos

5.4.1. Género

Em termos médios, os sujeitos do sexo feminino registam percepção do conflito interparental mais elevada do que os do sexo masculino. Estes últimos revelam níveis de satisfação e compromisso nas suas relações mais elevados do que os indivíduos do sexo feminino. A confiança nos parceiros também se revela superior nos homens do que nas mulheres. Relativamente aos factores e subescalas da CPIC, os valores registados pelos sujeitos do sexo feminino são, na sua maioria, mais elevados do que os do sexo masculino. No entanto, no factor *Culpa*, e respectivas subescalas (*Conteúdo* e *Culpa*), os jovens adultos do sexo masculino obtêm valores médios superiores aos obtidos pelos do sexo feminino. No que diz respeito às subescalas da TCRS, os indivíduos do sexo masculino obtêm valores médios superiores na *Fiabilidade* e *Fé*, enquanto que os do sexo feminino registam valores médios mais elevados na subescala de *Previsibilidade*. O Quadro 9 apresenta as médias e desvios-padrão obtidos por ambos os sexos nas variáveis de conflito interparental, satisfação, compromisso e confiança nos parceiros.

Quadro 9. Média (*M*) e desvio-padrão (*DP*) das variáveis diferenciando o sexo

Escala, factores e subescalas	Feminino (<i>n</i> = 161)		Masculino (<i>n</i> = 32)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
CPIC	2.84	.86	2.65	.98
Prop.Conflito	3.26	1.20	3.03	1.27
Frequência	3.29	.98	2.96	.25
Intensidade	3.12	.10	2.99	.23
Resolução	3.39	.11	3.15	.24
Ameaça	3.37	1.12	2.91	1.11
Perp. Ameaça	3.09	.11	2.43	.24
Ef. <i>Coping</i>	3.66	.09	3.39	.21
Culpa	1.71	.69	1.93	.77
Conteúdo	1.54	.06	1.70	.16
Culpa	1.85	.06	2.11	.15
Triangulação	2.00	1.05	1.80	.97
Estabilidade	2.63	1.38	2.47	1.40
RAS	4.23	.58	4.40	.49
ECP	5.19	.80	5.38	.74
TCSR	5.52	.89	5.62	.90
Previsibilidade	5.31	1.12	4.84	1.44
Fiabilidade	5.28	1.10	5.89	.89
Fé	5.85	.92	5.99	.93

Nota: Prof.Conf – Propriedades do Conflito; Perp.Ameaça – Percepção de Ameaça; Ef. *Coping* – Eficácia de *Coping*

De modo a verificar se as diferenças nos valores médios obtidos pelos sujeitos de ambos os sexos são estatisticamente significativas foram realizados testes paramétricos, mais concretamente, o teste *t*-Student para amostras independentes. Tal como referido anteriormente, para a realização de testes paramétricos é necessário o cumprimento de pressupostos, como a normalidade e a homogeneidade de variâncias. Através do teste de Kolmogorov-Smirnov ($n \geq 30$) analisou-se a normalidade das variáveis, constatando-se que a distribuição dos indivíduos de ambos os sexos rejeitou a normalidade

relativamente ao conflito interparesntal. Nas variáveis de satisfação e compromisso na relação e confiança nos parceiros, a variável sexo feminino rejeita a normalidade, no entanto, a do sexo masculino apresenta uma distribuição normal nestas variáveis. Apesar da violação do pressuposto da normalidade, os testes paramétricos são razoavelmente tolerantes à violação do pressuposto da normalidade, quando as amostras são suficientemente grandes (*e.g.*, > 30) (Marôco, 2011; Pallant, 2007). Assim, optou-se por utilizar testes paramétricos em virtude da dimensão da amostra (sexo feminino: $n=161$; sexo masculino: $n=32$). Em relação ao género, o pressuposto da homogeneidade das variâncias foi assegurado pelo teste de Levene (Marôco, 2011; Pallant, 2007).

Os resultados obtidos não apontam diferenças significativas quanto ao género na percepção do conflito interparesntal ($t(191) = -1.138, p \leq .05$), na satisfação ($t(191) = 1.521, p > .05$), no compromisso na relação ($t(191) = 1.237, p > .05$) e na confiança nos parceiros ($t(191) = .569, p > .05$). Apesar de em termos médios os sujeitos do sexo feminino terem apresentado valores mais elevados do que os do sexo masculino na percepção do conflito interparesntal, as diferenças não se revelam significativas. Os jovens adultos do sexo masculino revelam, em termos médios, mais satisfação, compromisso e confiança nos parceiros, porém, mais uma vez, as diferenças não são estatisticamente significativas quando comparado com as médias dos jovens adultos do sexo feminino.

Quanto aos factores e subescalas da CPIC e TCRS (Anexo I), verificam-se diferenças de género estatisticamente significativas no factor de *Ameaça* ($t(191) = -2.135, p \leq .05$) e subescala de *Percepção de Ameaça* ($t(191) = -2.351, p \leq .05$) e na subescala de *Fiabilidade* ($t(191) = 2.947, p \leq .05$). Estes resultados apontam no sentido de que os sujeitos do sexo feminino se sentem mais ameaçados com o conflito interparesntal do que os do sexo masculino. Por seu lado, os indivíduos do sexo masculino percebem as suas parceiras como mais fidedignas e honestas do que os indivíduos do sexo feminino relativamente aos seus parceiros.

5.4.2. Estatuto conjugal dos pais

De modo a analisar a percepção do conflito interparesntal, a satisfação e compromisso na relação e a confiança nos parceiros tendo em conta o estatuto conjugal dos pais (casados/união de facto *vs* divorciados/separados) dividiu-se a amostra em dois grupos (grupo 1 – “Pais Juntos”; grupo 2 – “Pais Separados”).

Em termos médios, os sujeitos do grupo 2 revelam níveis conflito interparental mais elevados e menor satisfação e compromisso na relação de namoro, assim como menor confiança nos parceiros. Quanto aos factores e subescalas da CPIC, o grupo 2 registou pontuações médias mais elevadas em todos, excepto no factor de *Culpa* e respectiva subescala de *Conteúdo*. Pode concluir-se que jovens adultos filhos de pais casados/união de facto culpabilizam-se mais pelo conflito interparental percebendo o conteúdo desse conflito como estando mais relacionado consigo, quando comparado com os seus homólogos filhos de pais divorciados/separados. No que diz respeito às subescalas da TCRS, o grupo 1 obteve resultados médios mais elevados na *Fiabilidade* e *Fé*, enquanto que o grupo 2 apresentou resultados mais elevados do que o grupo 1 na subescala de *Previsibilidade*. Estes resultados sugerem que jovens adultos filhos de pais divorciados/separados percebem o comportamento dos seus parceiros como mais consistente e estável do que os seus homólogos filhos de pais casados/união de facto, enquanto que estes últimos percebem os seus parceiros como mais fidedignos e honestos e sentindo-se mais seguros de que os seus parceiros serão cuidadosos e responsivos às suas necessidades. O Quadro 10 apresenta as médias e desvios-padrão obtidos por ambos os grupos quanto ao conflito interparental, satisfação, compromisso e confiança nos parceiros.

Quadro 10. Média (*M*) e desvio-padrão (*DP*) das variáveis nos grupos “Pais Juntos” e “Pais Separados”

Escala, factores e subescalas	Grupo 1 (<i>n</i> = 144)		Grupo 2 (<i>n</i> = 49)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
CPIC	2.62	.78	3.37	.93
Prop.Conflito	2.97	1.07	3.97	1.33
Frequência	3.02	.10	3.87	.20
Intensidade	2.89	.09	3.72	.22
Resolução	3.01	.10	4.34	.19
Ameaça	3.12	1.10	3.81	1.08
Perp. Ameaça	2.83	.12	3.42	.20
Ef. <i>Coping</i>	3.42	.09	4.20	.16
Culpa	1.77	.73	1.68	.64
Conteúdo	1.59	.07	1.45	.08
Culpa	1.92	.07	1.83	.12
Triangulação	1.82	.93	2.39	1.21
Estabilidade	2.13	1.06	3.99	1.30
RAS	4.30	.57	4.13	.55
ECP	5.22	.72	5.21	.99
TCRS	5.56	.89	5.48	.89
Previsibilidade	5.21	1.23	5.31	1.05
Fiabilidade	5.43	1.05	5.27	1.19
Fé	5.91	.92	5.76	.91

Nota: Grupo 1 – “Pais Juntos”; Grupo 2 – “Pais Separados”; Prof.Conf – Propriedades do Conflito; Perp.Ameaça – Percepção de Ameaça; Ef. *Coping* – Eficácia de *Coping*

De modo a verificar se as diferenças nos valores médios dos dois grupos são estatisticamente significativas realizaram-se testes paramétricos, mais concretamente o teste *t*-Student para amostras independentes. Avaliou-se a normalidade das variáveis com o teste de Kolmogorov-Smirnov ($n \geq 30$), verificando-se que o grupo 1 rejeita a normalidade na CPIC, RAS e TCRS tendo, no entanto, uma distribuição normal na ECP. O grupo 2 revela um padrão inverso ao grupo 1, ou seja, apenas rejeita a

normalidade na ECP. Apesar do pressuposto da normalidade não ter sido assegurado, as amostras dos dois grupos apresentam grandes dimensões ($n > 30$), possibilitando a realização de testes paramétricos (Marôco, 2011; Pallant, 2007). O pressuposto da homogeneidade de variâncias foi avaliado pelo teste de Levene (Marôco, 2011; Pallant, 2007), não se tendo verificado em todas as variáveis, apenas na RAS e TCRS. No entanto, este dado não invalida a utilização do teste *t*-Student uma vez que este teste calcula os resultados também no caso deste pressuposto não ser assegurado.

Os resultados obtidos revelam existir diferenças estatisticamente significativas na percepção do conflito interparental ($t(72.615) = -5.078, p \leq .05$), sendo que o grupo 2 regista percepção de conflito interparental mais elevada do que o grupo 1. Contudo, não existem diferenças estatisticamente significativas quanto à satisfação ($t(191) = 1.762, p > .05$) e compromisso na relação ($t(65.917) = .118, p > .05$) e confiança nos parceiros ($t(191) = .534, p > .05$) entre os dois grupos.

No que diz respeito aos factores e subescalas da CPIC (Anexo J), obteve-se diferenças estatisticamente significativas nos factores de *Propriedades de Conflito* ($t(70.251) = -4.761, p \leq .05$) e de *Ameaça* ($t(191) = -3.801, p \leq .05$) e nas suas respectivas subescalas [*Frequência* ($t(71.698) = -3.844, p \leq .05$); *Intensidade* ($t(65.292) = -3.548, p \leq .05$); *Resolução* ($t(191) = -6.457, p \leq .05$); *Percepção de Ameaça* ($t(191) = -2.476, p \leq .05$) e *Eficácia de Coping* ($t(191) = -4.394, p \leq .05$)] e ainda nas subescalas de *Triangulação* ($t(69.105) = -3.006, p \leq .05$) e de *Estabilidade* ($t(70.710) = -9.054, p \leq .05$). Relativamente às subescalas da TCRS as diferenças entre os dois grupos não são estatisticamente significativas.

Dos resultados obtidos pode concluir-se que os jovens adultos filhos de pais divorciados/separados percebem mais conflito interparental quanto à sua frequência, intensidade e cuja resolução assume uma forma não construtiva. Os resultados também revelam que estes sujeitos se sentem mais ameaçados e envolvidos no conflito do que os seus homólogos filhos de pais casados/união de facto.

6. Discussão e conclusões

O presente estudo de natureza quantitativa e exploratória pretendeu contribuir para o aumento do conhecimento sobre os efeitos do conflito interparental na relação de namoro de jovens adultos ao nível da qualidade (grau de satisfação na relação) e estabilidade relacionais (níveis de compromisso na relação e confiança nos parceiros). Avaliou-se a percepção dos jovens adultos sobre o conflito interparental e dimensões relacionais implicadas na relação de namoro, analisou-se as relações entre as variáveis em estudo e determinou-se diferenças de género e do estatuto conjugal dos pais.

Os resultados obtidos indicam que os participantes no estudo percebem um nível total relativamente baixo de conflito interparental, posicionam-se, em termos médios, abaixo do ponto médio da escala. No entanto, observa-se que os factores de *Ameaça* e *Propriedades de Conflito* são os mais proeminentes, especialmente as subescalas de *Eficácia de Coping* e *Resolução*. Pode concluir-se que os jovens adultos da amostra percebem o conflito interparental como frequente, intenso e resolvido de forma não construtiva e percebem ameaça, medo e dificuldade em lidar com o mesmo. Por outro lado, o conflito interparental parece não envolver assuntos relacionados com os filhos jovens adultos, denotando baixa culpabilização por parte destes e ausência de triangulação no conflito. Estes resultados podem ser justificados tendo em conta as avaliações cognitivas mais sofisticadas realizadas pelos jovens adultos.

A análise efectuada em função do género revela que, em termos médios, os sujeitos do sexo feminino registam níveis mais elevados de conflito interparental do que os seus homólogos do sexo masculino. Tal como Herzog & Cooney (2002) afirmam, as raparigas tendem a passar mais tempo em casa podendo estar mais envolvidas na relação parental, daí poderem perceber níveis mais elevados de conflito entre os seus pais. No entanto, estas diferenças não são significativas. Apesar disso, constata-se que no factor de *Culpa*, os jovens do sexo masculino registam valores médios superiores aos obtidos pelos do sexo feminino, podendo concluir-se que os rapazes culpabilizam-se mais pelo conflito interparental do que as raparigas por perceberem que esse está relacionado com assuntos sobre si. Por seu lado, os sujeitos do sexo feminino revelam uma percepção de ameaça e medo maiores relativamente ao conflito entre os pais do que os do sexo masculino. Estes dados corroboram os obtidos por Moura & Matos (2008) que defendem que as raparigas investem mais nas relações

interpessoais podendo encontrar-se emocionalmente mais próximas dos pais e assim serem mais sensíveis ao seus conflitos.

Os resultados do presente estudo evidenciam uma relação significativa do estatuto conjugal dos pais quanto ao conflito interparental. Em termos médios totais, os participantes com pais divorciados/separados registam níveis mais elevados de conflito interparental do que os com pais casados/união de facto. Porém, estes últimos culpabilizam-se mais pelo conflito interparental e percebem o conteúdo desse conflito como estando mais relacionado consigo. Estes resultados podem explicar-se tendo em conta os motivos do conflito interparental dos pais divorciados/separados, podendo estes estar mais relacionados com as suas próprias questões conjugais do que com assuntos relativos aos seus filhos.

Jovens adultos filhos de pais divorciados/separados percebem significativamente maior frequência e intensidade e formas de resolução do conflito não construtivas. Percebem também mais ameaça, medo, dificuldade em lidar com o conflito interparental e causas estáveis do mesmo e parecem apresentar maior probabilidade de estarem envolvidos, por triangulação, no conflito interparental. Conforme Amato & DeBoer (2001) e Cui *et al.* (2011), o divórcio é usualmente precedido por níveis mais elevados de conflito interparental e instabilidade podendo traduzir-se em avaliações e interpretações por parte dos filhos do significado desse conflito como mais prejudicial para o seu bem-estar.

Na análise relativa à ocorrência de rupturas (separações-reconciliações), o conflito interparental, de uma forma geral, não revela diferenças significativas. No entanto, os indivíduos em que nas suas relações não ocorreram rupturas sentem-se mais culpados pelo conflito interparental do que os indivíduos em cujas relações de namoro ocorreram rupturas.

Quanto às variáveis relacionais, de uma forma geral, os participantes do estudo revelam satisfação e compromisso nas suas relações e confiança nos seus parceiros. Quanto a este último aspecto, os sujeitos revelam-se particularmente seguros de que os seus parceiros serão cuidadosos e responsivos às suas necessidades.

A relação entre as três variáveis relacionais é significativa e forte corroborando os dados da literatura que apontam as múltiplas influências entre as dimensões de qualidade e de estabilidade relacionais na continuidade das relações.

Em termos médios, indivíduos do sexo masculino revelam-se mais satisfeitos, mais comprometidos e detendo mais confiança nas suas parceiras quando comparados com os

valores de indivíduos do sexo feminino. Este dado vai ao encontro do verificado em alguns estudos dado que indivíduos do sexo feminino tendem a revelar menor satisfação e compromisso relacional e menor confiança nos seus parceiros (Stanley *et al.*, 2004; Vaugh & Baier, 1999). No entanto, as diferenças de género nestas dimensões não se revelam estatisticamente significativas, tal como nos estudos de Stanley & Markman (1992) e King (2002). Verifica-se no entanto que os participantes do sexo masculino avaliam as suas parceiras como significativamente mais fidedignas e honestas que os participantes do sexo feminino.

Os resultados obtidos demonstram que jovens adultos filhos de pais casados/união de facto registam mais satisfação, compromisso e confiança nos parceiros do que os seus homólogos filhos de pais divorciados/separados. Ao nível da confiança nos parceiros, em termos médios, foi possível verificar que os participantes filhos de pais divorciados/separados percebem o comportamento dos seus parceiros como mais consistente e estável do que os seus homólogos. Por seu lado, jovens adultos filhos de pais casados/união de facto percebem os seus parceiros como mais fidedignos e honestos e sentem-se mais seguros de que os seus parceiros serão cuidadosos e responsivos às suas necessidades do que jovens adultos filhos de pais divorciados/separados. Estes resultados parecem ir ao encontro do sugerido pela literatura. Segundo esta, filhos de pais divorciados/separados aprendem em primeira mão sobre a fragilidade das relações levando a que confiem de forma mais cautelosa nos seus parceiros. De facto, filhos de pais divorciados/separados apresentam níveis mais elevados de confiança de base para as relações estabelecidas. Por seu lado, filhos de pais casados/união de facto revelam níveis mais elevados de confiança envolvida em fases posteriores das relações. Porém, todas estas diferenças não se revelam estatisticamente significativas. Neste estudo, independentemente do estatuto conjugal dos pais, os participantes revelam-se satisfeitos, comprometidos e confiantes nos seus parceiros. Conforme a literatura, o impacto do divórcio parece ser mais intenso durante os dois primeiros anos, dado que não se controlou o tempo desde o divórcio/separação dos pais, os resultados podem não ter evidenciado as diferenças entre os filhos com pais casados/união de facto e com pais divorciados/separados.

Os resultados da análise relativos à ocorrência de rupturas (separações-reconciliações) na relação de namoro actual parecem claros sobre o impacto das mesmas ao nível da satisfação, compromisso e confiança nos parceiros. A existência de

rupturas na relação de namoro revela níveis significativamente menores de satisfação e compromisso relacionais assim como menor confiança nos parceiros.

No que diz respeito às relações entre as variáveis em estudo, os dados obtidos sugerem que o conflito interparental se associa negativamente à satisfação na relação e à confiança nos parceiros. Isto é, quanto maior o conflito interparental menor a satisfação na relação e menor a confiança nos parceiros. Apesar da relação ser fraca é significativa. Quanto ao compromisso relacional, igualmente, quanto maior o conflito entre os pais, menor o compromisso, no entanto esta relação não se revela significativa.

Algumas componentes do conflito interparental, estabelecem relações significativas com as dimensões relacionais. Assim, verifica-se que quanto maior a percepção de ameaça e medo, a dificuldade em lidar com o conflito interparental, a percepção da estabilidade das causas do mesmo e maior o envolvimento, por triangulação, menor a satisfação relacional. Quanto maior a percepção de ameaça e medo relativa ao conflito interparental menor o compromisso na relação. Igualmente, quanto maior a percepção de ameaça e medo, envolvimento por triangulação e assuntos relacionados com os filhos menor a confiança nos parceiros.

Quanto às limitações do presente estudo, verificam-se questões metodológicas sobretudo ao nível da amostra, dos instrumentos utilizados e do método de recolha de dados, os quais poderão ter influenciado o facto de muitas dos resultados obtidos não se revelarem significativos. No que diz respeito à amostra, esta foi obtida segundo um critério de conveniência, e não recolhida aleatoriamente. Além disso, não é representativa e constata-se uma heterogeneidade na constituição da mesma, existindo uma desproporção entre o número de participantes do sexo masculino e do sexo feminino. Este desequilíbrio poderá ter contribuído para a inexistência de relações estatisticamente significativas, nas diferentes variáveis da relação de namoro ou relativamente ao género. Verifica-se também desigualdade no número de participantes segundo o estatuto conjugal dos pais, existindo maior número de participantes filhos de pais casados/união de facto do que filhos de pais divorciados/separados. Este dado poderá ter contribuído para os resultados obtidos.

Todos os instrumentos utilizados no presente estudo foram de auto-relato constituindo uma limitação metodológica. Apesar das vantagens dos instrumentos de auto-relato, nomeadamente por economizarem tempo na recolha de dados, estes detêm igualmente desvantagens, tal como a grande validade facial e a possibilidade de respostas ao acaso.

A recolha dos dados ocorreu através de uma plataforma da *Internet*, que apesar das suas potencialidades, tais como garantir a confidencialidade e o anonimato dos sujeitos, e maior rapidez no acesso e resposta dos participantes, apresenta também limitações como a impossibilidade de controlar a honestidade das respostas (*e.g.*, género, idade) e de responder no momento às dúvidas dos indivíduos durante a sua participação no estudo. Tentou-se atenuar este último aspecto fornecendo o contacto da investigadora para qualquer dúvida, contudo, os participantes podem optar por não recorrer a este recurso dado que implica a identificação do seu endereço electrónico, e consequentemente possível quebra do anonimato.

Os resultados obtidos no presente estudo não poderão ser generalizados a jovens adultos casados ou coabitantes, visto que a amostra foi constituída apenas por jovens adultos estabelecendo relações de namoro. De igual forma, os resultados não poderão ser generalizados a indivíduos pertencentes a diferentes faixas etárias não abrangidas no presente estudo.

É importante salientar também a sensibilidade relativa à temática do conflito interparental que poderá constituir uma limitação, dada a possibilidade de enviesamentos das respostas. Além disso destacar a natureza retrospectiva das respostas dos jovens adultos filhos de pais divorciados/separados relativamente ao conflito interparental quando os pais ainda viviam juntos. Não se definiu um período específico segundo o qual as suas respostas se deveriam reportar nem se determinou um período máximo da duração da separação dos pais. Assim, as respostas dos participantes filhos de pais divorciados/separados poderão apresentar maior variabilidade e menor precisão devido a possíveis enviesamentos nas suas respostas por questões mnésicas (*e.g.*, distorções de informação devido à passagem do tempo). De forma a colmatar esta limitação, futuramente seria pertinente controlar o factor tempo não só o decorrido desde o divórcio/separação dos pais como também determinar explicitamente nas instruções fornecidas a que momento as respostas dos jovens adultos filhos de pais divorciados/separados se devem reportar (*e.g.*, um ano antes da separação dos pais).

No questionário sócio-demográfico, questionou-se a idade que os filhos de pais divorciados/separados tinham aquando do divórcio ou separação dos pais. Esta questão poderá ter suscitado dúvidas por parte dos participantes, dado que o momento da separação física (*e.g.*, um dos progenitores sai de casa) a maior parte das vezes não coincide com o momento do divórcio, caso este venha a ocorrer. Desta forma, os participantes filhos de pais divorciados, poderão ter optado por colocar a idade quando

os pais se separaram ou a idade quando os pais se divorciaram, não existindo um critério específico o que pode ter influenciado os dados obtidos nessa questão.

O instrumento utilizado para avaliar a confiança nos parceiros foi traduzido para este estudo e as análises realizadas revelam boa consistência interna. No entanto, para investigações futuras será necessário um estudo mais específico e detalhado sobre as suas propriedades psicométricas e adequação linguística da sua tradução.

Dado que estabelecer relações de namoro estáveis e satisfatórias promovem o bem-estar físico e psicológico dos jovens adultos, poderia ser revelante analisar, em trabalhos futuros, o impacto das rupturas nesses níveis, visto que a ocorrência dessas revelam relações instáveis e insatisfatórias.

Em termos clínicos, os resultados do presente estudo realçam a importância de intervir de forma preventiva ao nível do conflito interparental dada a sua associação negativa com a capacidade dos filhos manterem de forma satisfatória as suas relações de namoro. Com os filhos, é importante intervir quanto à avaliação que fazem relativa ao conflito interparental, principalmente quanto à percepção de ameaça e medo dado que se associou negativamente com todas as variáveis relacionais estudadas.

Em terapia individual com jovens adultos será relevante considerar a história do conflito interparental na compreensão do comportamento actual na relação de namoro.

Referências bibliográficas

- Adams, J. M., & Jones, W. H. (1997). The conceptualization of marital commitment: An integrative analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72 (5), 1177-1196. doi: 10.1037/0022-3514.72.5.1177
- Adams, J. M., & Jones, W. H. (1999). Interpersonal commitment in historical perspective. In Adams, J. M., & Jones, W. H. (Eds.), *Handbook of Interpersonal Commitment and Relationship Stability* (pp.3-33). New York: Plenum Publishers.
- Amato, P. R., & Booth, A. (1991). Consequences of parental divorce and marital unhappiness for adult well-being. *Social Forces*, 69 (3), 895-914. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/2579480>
- Amato, P. R., & DeBoer, D. D. (2001). The transmission of marital instability across generations: Relationship skills or commitment to marriage?. *Journal of Marriage and Family*, 63 (4), 1038-1051. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.01038.x
- Amato, P. R., & Hohmann-Marriott, B. (2007). A comparison of high- and low-distress marriages that end in divorce. *Journal of Marriage and Family*, 69 (3), 621-638. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00396.x
- Amato, P.R., Loomis, L., & Booth, A. (1995). Parental divorce, marital conflict, and offspring well-being during early adulthood. *Social Forces*, 73 (3), 895-915. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/2580551>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55 (5), 469- 480. doi: 10.1037/0003-066X.55.5.469
- Bartell, D. S. (2006). Influence of parental divorce on romantic relationships in young adulthood: A cognitive-developmental perspective. In Fine, M. A., & Harvey, J. H. (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution* (pp. 339-360). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), 266-244. doi: 10.1037/0022-3514.61.2.226
- Bartle, S. E. (1996). Family of origin and interpersonal contributions to the interdependence of dating partners' trust. *Personal Relationships*, 3 (2), 197-209. Retirado de 10.1111/j.1475-6811.1996.tb00112.x
- Bickham, N. L., & Fiese, B. H. (1997). Extension of the children's perceptions of interparental conflict scale for use with late adolescents. *Journal of Family Psychology*, 11 (2), 246-250. doi: 10.1037/0893-3200.11.2.246
- Booth, A., Brinkerhoff, D. B., & White, L. K. (1984). The impact of parental divorce on courtship. *Journal of Marriage and Family*, 46 (1), 85-94. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/351867>
- Bradford, K., Vaughn, L. B., & Barber, B. K. (2008). When there is conflict: Interparental conflict, parent-child conflict, and youth problem behaviors. *Journal of Family Issues*, 29 (6), 780-805. doi: 10.1177/0192513X07308043
- Brumbaugh, C. C., & Fraley, R. C. (2006). The evolution of attachment in romantic relationships. In Mikulincer, M., & Goodman, G. S. (Eds.), *Dynamics of Romantic Love: attachment, caregiving, and sex* (pp. 71-101). New York: The Guilford Press.
- Cabral, A. (1995). *The existential self: Erik Homburger Erikson's developmental psychology*. Boston: MA.
- Campbell, L., Simpson, J. A., Boldry, J. G., & Rubin, H. (2010). Trust, variability in relationship evaluations, and relationship processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99 (1), 14-31. doi: 10.1037/a0019714
- Caron, A., Lafontaine, M. F., Bureau, J. F., Levesque, C., & Johnson, S. M. (2012). Comparisons of close relationships: An evaluation of relationship quality and patterns of attachment to parents, friends, and romantic partners in young adults. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 44 (4), 245-256. doi: 10.1037/a0028013

- Chase-Lansdale, P. L., Cherlin, A. J., & Kiernan, K. E. (1995). The long-term effects of parental divorce on the mental health of young adults: A developmental perspective. *Child Development*, 66 (6), 1614-1634. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00955.x
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2013). Attachment and caregiving in adult close relationships: normative processes and individual differences. *Attachment & Human Development*. doi: 10.1080/14616734.2013.782652
- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., & Elder, G. H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79 (2), 224-237. doi: 10.1037/0022-3514.79.2.224
- Couch, L. L., & Jones, W. H. (1997). Measuring levels of trust. *Journal of Research in Personality*, 31 (3), 319-336. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1006/jrpe.1997.2186>
- Crowell, J.A., Treboux, D., & Brockmeyer, S. (2009). Parental divorce and adult children's attachment. *Attachment & Human*, 11 (1), 87-101. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1080/1461730802500867>
- Cui, M., & Fincham, F. D. (2010). The differential effects of parental divorce and marital conflict on young adult romantic relationships. *Personal Relationships*, 17 (3), 331-343. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01279.x
- Cui, M., Fincham, F. D., & Durtschi, J. A. (2011). The effect of parental divorce on young adults' romantic relationship dissolution: What makes a difference?. *Personal Relationships*, 18 (3), 410-426. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01306.x
- Cusimano, A. M., & Riggs, S. A. (2013). Perceptions of interparental conflict, romantic attachment, and psychological distress in college students. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2 (1), 45-59. doi: 10.1037/a0031657

- Delevi, R., Cornille, T., & Cui, M. (2012). Does positivity matter? The impact of interparental interactions on young adult conflict management. *Contemporary Family Therapy*, 34 (1), 124-140. doi: 10.1007/s10591-012-9179-5
- Dinkel, A., & Balck, F. (2005). An evaluation on the German relationship assessment scale. *Swiss Journal of Psychology*, 64 (4), 259-263. doi: 10.1024/1421-0185.64.4..259
- Feeney, J. A. (2008). Adult romantic attachment and couple relationships. In Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355-377). New York: The Guilford Press.
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2006). Relationship satisfaction. In Vangelisti, A. L., & Perlman, D. (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 579-594). New York: Cambridge University Press.
- Fincham, F. D., Stanley, S. M., & Beach, S. R. H. (2007). Transformative processes in marriage: An analysis of emerging trends. *Journal of Marriage and Family*, 69 (2), 275-292. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00363.x
- Franklin, K. M., Janoff-Bulman, R., & Roberts, J.E. (1990). Long-term impact of parental divorce on optimism and trust: changes in general assumptions or narrow beliefs?. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (4), 743-755. doi: 10.1037/0022-3514.59.4.743
- Grych, J. H. (2005). Interparental conflict as a risk factor for child maladjustment: Implications for the development of prevention programs. *Family Court Review*, 43(1), 97-108. doi:10.1111/j.1744-1617.2005.00010.x
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108 (2), pp. 267-290. doi: 10.1037/0033-2909.108.2.267
- Grych, J. H., Fincham, F. D., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2000). Interparental conflict and child adjustment: Testing the mediational role of appraisals in the cognitive-contextual framework. *Child Development*, 71 (6), 1648-1661. doi: 10.1111/1467-8624.00255

- Grych, J. H., Harold, G. T., & Miles, C. L. (2003). A prospective investigation of appraisals as mediators of the link between interparental conflict and child adjustment. *Child Development*, 74 (4), 1176-1193. doi: 0009-3920/2003/7404-0020
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective: The children's perception of interparental conflict scale. *Child Development*, 63 (3), 558-572. doi: 10.1111/j.1467-8624.1992.tb01646.x
- Guedeney, N. (2004). Teoria da vinculação e sua aplicação às técnicas psicoterapêuticas no adulto. In Guedeney, N., & Guedeney, A. (Eds.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações* (pp. 175-181). Lisboa: Climepsi Editores.
- Harvey, J. H., & Wenzel, A. (2006). Theoretical perspectives in the study of close relationships. In Vangelisti, A. L., & Perlman, D. (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 35-49). New York: Cambridge University Press.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50 (1), 93-98. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/352430>
- Henry, K., & Holmes, J. G. (1998). Childhood revisited: The intimate relationships of individuals from divorced and conflict-ridden families. In Simpson, J. A. & Rholes, W. S. (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 280-316). New York: The Guilford Press.
- Herzog, M. J., & Cooney, T. M. (2002). Parental divorce and perceptions of past interparental conflict: Influences on the communication of young adults. *Journal of Divorce & Remarriage*, 36 (3/4), 89-109. doi: 10.1300/J087v36n03_06
- Hetherington, E. M. (2003). Intimate pathways: Changing patterns in close personal relationships across time. *Family Relations*, 52 (4), 318-331. doi: 10.1111/j.1741-3729.2003.00318.x

- Jacquet, S. E., & Surra, C. A. (2001). Parental divorce and premarital couples: commitment and other relationship characteristics. *Journal of Marriage and Family*, 63 (3), 627-638. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/3654638>
- Kapinus, C. A. (2004). The effect of parents' attitudes toward divorce on offspring's attitudes: Gender and parental divorce as mediating factors. *Journal of Family Issues*, 25 (1), 112-135. doi: 10.1177/0192513X02250860
- King, V. (2002). Parental divorce and interpersonal trust in adult offspring. *Journal of Marriage and Family*, 64 (3), 642-656. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/3599931>
- Kushner, M. A. (2009). A review of the empirical literature about child development and adjustment postseparation. *Journal of Divorce & Remarriage*, 50 (7), 496-516. doi: 10.1080/10502550902970595
- Lambert, A. N. (2007). Perceptions of divorce advantages and disadvantages. *Journal of Divorce & Remarriage*, 48 (1-2), 55-77. doi: 10.1300/J087v48n01_03
- Larzelere, R. E., & Huston, T. L. (1980). The dyadic trust scale: Toward understanding interpersonal trust in close relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 42 (3), 595-604. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/351903>
- Laurenceau, J. P., Rivera, L. M., Scaffer, A. R., & Pietromonaco, P. R. (2004). Intimacy as an interpersonal process: Current status and future directions. In Mashek, D. J., & Aron, A., *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 61-78). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 10 (1), 37-57. doi: 10.1111/1475-6811.00035
- Lind, W. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: diferenças e recursos*. Manuscrito não publicado, Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Retirado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/977>

- Luecken, L. J., & Appelhans, B. (2005). Information-processing biases in young adults from bereaved and divorced families. *Journal of Abnormal Psychology, 114* (2), 309-313. doi: 10.1037/0021-843X.114.2.309
- Marchand, H. (2001). *Temas de desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso*. Coimbra: Quarteto.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística como SPSS Statistics*. Lisboa: ReportNumber.
- Masarik, A. S., Conger, R. D., Martin, M. J., Donnellan, M. B., Masyn, K. E., & Lorenz, F. O. (2013). Romantic relationships in early adulthood: Influences of family, personality, and relationship cognitions. *Personal Relationships, 20* (2), 356-373. doi: 10.1111/j.1475-6811.2012.01416.x
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). Attachment processes and couple functioning. In Mikulincer, M., & Shaver, P. R., *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics and Change* (pp. 285-323). New York: The Guilford Press.
- Miller, J., & Teddar, B. (2011). The discrepancy between expectations and reality: satisfaction in romantic relationships. Manuscrito não publicado. Retirado de <http://psych.hanover.edu/research/Thesis12/papers/Millar%20Teddar%20Final%20Paper.pdf>
- Monteiro, A. P., Ramalho, S. C., Ribeiro, M. T., & Pinto, A. M. (2013). *Compromisso em diferentes estatutos relacionais: Estudo de validação e aplicação da Escala de Compromisso Pessoal*. Manuscrito não publicado.
- Moreira, H., Amaral, A., & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships scale (PAIR) para a população Portuguesa: estudo das suas características psicométricas. *Psychologica, 50*, 339-359. Retirado de <http://hdl.handle.net/10316.2/5427>

- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básica dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 3-27. Retirado de [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/130/1/LP%204\(1\)%20-%203-27.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/130/1/LP%204(1)%20-%203-27.pdf)
- Morgan, H. J., & Shaver, P. R. (1999). Attachment processes and commitment to romantic relationships. In Adams, J. M., & Jones, W. H. (Eds.), *Handbook of Interpersonal Commitment and Relationship Stability* (pp. 109-124). New York: Plenum Publishers.
- Moura, O., & Matos, P. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*, XXII, 127-152. Retirado de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v22n1/v22n1a06.pdf>
- Moura, O., Santos, R. A., & Matos (2006). The Children’s Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): análise factorial confirmatória com adolescentes e jovens adultos. Poster apresentado na *XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga, Portugal: Universidade do Minho. Retirado de [http://docs.octaviomoura.com/research/Moura\(2006\)_CPIC_CongressoBraga.pdf](http://docs.octaviomoura.com/research/Moura(2006)_CPIC_CongressoBraga.pdf)
- Moura, O., Santos, R. A., Rocha, M., & Matos, P. M. (2010). Children’s Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): factor structure and invariance across adolescents and emerging adults. *International Journal of Testing*, 10 (4), 364-382. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1080/15305058.2010.487964>
- Mustonen, U., Huurre, T., Kiviruusu, O., & Haukkala, A. (2011). Long-term impact of parental divorce on intimate relationship quality in adulthood and the mediating role of psychosocial resources. *Journal of Family Psychology*, 25 (4), 615-619. doi: 10.1037/a0023996

- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de ler.
- Orosa, F. J. E., Pinto, I. E., & Sales, P. P. (2008). Cuestionarios psicológicos e investigación en Internet: Una revisión de la literatura. *Anales de Psicología*, 24 (1), 150-157. Retirado de http://www.um.es/analesps/v24/v24_1/19-24_1.pdf
- Owen, J., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2011). The revised commitment inventory: Psychometrics and use with unmarried couples. *Journal of Family Issues*, 32 (6), 820-841. doi: 10.1177/0192513X10385788
- Pallant, J. (2007). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for windows*. Berkshire: Open University Press.
- Pascuzzo, K., Cyr, C., & Moss, E. (2013). Longitudinal association between adolescent attachment, adult romantic attachment, and emotion regulation strategies. *Attachment & Human Development*, 15 (1), 83-103. doi: 10.1080/14616734.2013.745713
- Perlman, D., & Duck, S. (2006). The seven seas of the study of personal relationships: From “the thousand islands” to interconnected waterways. In Vangelisti, A. L., & Perlman, D. (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 11-33). New York: Cambridge University Press.
- Prager (2000). Intimacy in personal relationships. In Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (Eds.), *Close Relationships: A Sourcebook* (pp. 229-242). London: Sage Publications.
- Rauer, A. J., Pettit, G. S., Lansford, J. E., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (2013). Romantic relationship patterns in young adulthood and their developmental antecedents. *Developmental Psychology*. doi: 10.1037/a0031845
- Reis, H. T. (2006). Implications of attachment theory for research on intimacy. In Mikulincer, M., & Goodman, G. S. (Eds.), *Dynamics of Romantic Love: attachment, caregiving, and sex* (pp. 383-403). New York: The Guilford Press.

- Rempel, J. K., Holmes, J. G., & Zanna, M. P. (1985). Trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1), 95-112. doi: 10.1037/0022-3514.49.1.95
- Rempel, J. K., Ross, M., & Holmes, J. G. (2001). Trust and communicated attributions in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81 (1), 57-64. doi: 10.1037/0022-3514.81.157
- Rhoades, K. A. (2008). Children's responses to interparental conflict: A meta-analysis of their associations with child adjustment. *Child Development*, 79 (6), 1942-1956. doi: 10.1111/j.1467-8624.2008.01235.x
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2006). Pre-engagement cohabitation and gender asymmetry in marital commitment. *Journal of Family Psychology*, 20 (4), 553-560. doi: 10.1037/0893-3200.20.4.553
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). Couples' reasons for cohabitation: Associations with individual well-being and relationship quality. *Journal of Family Issues*, 30 (2), 233-258. doi: 10.1177/0192513X08324388
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2012a). The impact of the transition to cohabitation on relationship functioning: Cross-sectional and longitudinal findings. *Journal of Family Psychology*, 26 (3), 348-358. doi: 10.1037/a0028316
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2012b). A longitudinal investigation of commitment dynamics in cohabiting relationships. *Journal of Family Issues*, 33 (3), 369-390. doi: 10.1177/0192513X11420940
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Stevens, J. G. (1998). Attachment orientations, social support, and conflict resolution in close relationships. In Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 166-188). New York: The Guilford Press.
- Riggio, H. R. (2004). Parental marital conflict and divorce, parent-child relationships, social support, and relationship anxiety in young adulthood. *Personal Relationships*, 11 (1), 99-114. doi: 10.1111/j.1475-6811.2004.00073.x

- Riggio, H. R., & Valenzuela, A. M. (2011). Parental marital conflict and divorce, parente-child relationships, and social support among Latino-American young adults. *Personal Relationships*, 18 (3), 392-409. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01305.x
- Riggio, H. R., & Weiser, D. A. (2008). Attitudes toward marriage: embeddedness and outcomes in personal relationships. *Personal Relationships*, 15 (1), 123-140. doi: 10.1111/j.1475-6811.2007.00188.x
- Rusbult, C. E., Coolsen, M. K., Kirchner, J. L., & Clarke, J. A. (2006). Commitment. In Vangelisti, A. L., & Perlman, D. (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 615-635). New York: Cambridge University Press.
- Rusbult, C. E., Kumashiro, M., Coolsen, M. K., & Kirchner, J. L. (2004). Interdependence, Closeness, and Relationships. In Mashek, D. J., & Aron, A. (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp.137-266). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rusbult, C. E., Wieselquist, J., Foster, C. A., & Witcher, B. S. (1999). Commitment and trust in close relationships: An interdependence analysis. In Adams, J. M., & Jones, W. H. (Eds.), *Handbook of Interpersonal Commitment and Relationship Stability* (pp.427-449). New York: Plenum Publishers.
- Santos, M. J., Feijão, M. T., & Mesquita, R. (2000). *Relações entre estilos de vinculação, estilos de resolução de conflito e satisfação nas relações amorosas em mulheres com um relacionamento heterossexual*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Schaick, K., & Stolberg, A. L. (2001). The impact of paternal involvement and parental divorce on young adult's intimate relationships. *Journal of Divorce & Remarriage*, 36 (1-2), 99-121. doi: 10.1300/J087v36n01_06
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Thomson.

- Segrin, C., Taylor, M. E., & Altman, J. (2005). Social cognitive mediators and relational outcomes associated with parental divorce. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22 (3), 361-377. doi: 10.1177/0265407505052441
- Shi, L. (2003). The association between adult attachment styles and conflict resolution in romantic relationships. *The American Journal of Family Therapy*, 31 (3), 143-147. doi: 10.1080/01926180390167142
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (1998). Attachment in adulthood. In Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 3-21). New York: The Guilford Press.
- Stanley, S. M., & Markman, H. J. (1992). Assessing commitment in personal relationships. *Journal of Marriage and Family*, 54 (3), 595-608. retirado de <http://www.jstor.org/stable/353245>
- Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. W. (2002). Communication, conflict, and commitment: Insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family Process*, 41 (4), 659-675. doi: 10.1111/j.1545-5300.2002.00659.x
- Stanley, S. M., Whitton, S. W., & Markman, H. J. (2004). Maybe I do: Interpersonal commitment and premarital or nonmarital cohabitation. *Journal of Family Issues*, 25 (4), 496-519. doi: 10.1177/0192513X03257797
- Strohschein, L. (2005). Parental divorce and child mental health trajectories. *Journal of Marriage and Family*, 67 (5), 1286-1300. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/3600313>
- Sumner, C. C. (2013). Adult children of divorce: Awareness and intervention. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54 (4), 271-281. doi: 10.1080/10502556.2013.780461
- Toomey, E. T., & Nelson, E. S. (2001). Family conflict and young adults' attitudes toward intimacy. *Journal of Divorce & Remarriage*, 34 (3-4), 49-69. doi: 10.1300/J087v34n03_04

- Turner, H. A., & Kopiec, K. (2006). Exposure to interparental conflict and psychological disorder among young adults. *Journal of Family Issues*, 27 (2), 131-158. doi: 10.1177/0192513X05280991
- Vaughn, M. J., & Baier, M. E. M. (1999). Reliability and validity of the relationship assessment scale. *The American Journal of Family Therapy*, 27 (2), 137-147. doi: 10.1080/019261899262023
- Washington, K. N., & Hans, J. (2013). Romantic attachment among young adults: The effects of parental divorce and residential instability. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54 (2), 95-111. doi: 10.1080/10502556.2012.752684
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: A twenty-year longitudinal study. *Child Development*, 71 (3), 684-689. doi: 10.1111/1467-8624.00176
- Whitton, S. W., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2008). Effects of parental divorce on marital commitment and confidence. *Journal of Family Psychology*, 22 (5), 789-793. doi: 10.1037/a0012800
- Wieselquist, J., Rusbult, C. E., Foster, C. A., & Agnew, C. R. (1999). Commitment, pro-relationship behavior, and trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77 (5), 942-966. doi: 10.1037/0022-3514.77.5.942
- Yu, T. (2007). *The interplay of parental marital conflict and divorce in young adult children's relationships with parents and romantic partners*. Manuscrito não publicado, Dissertação de Doutorado em Psicologia, Auburn University, Alabama. Retirado de http://etd.auburn.edu/etd/bitstream/handle/10415/921/YU_TIANYI_52.pdf?...

Anexo A

Questionário sócio-demográfico

Características sócio-demográficas:

1. Idade: _____

2. Sexo: F ☐

M ☐

3. Constituição do agregado familiar:

Mãe ☐

Pai ☐

Irmãos ☐

Parceiro da mãe ☐

Parceira do pai ☐

Outros ☐ (especificar) _____

4. Estatuto conjugal dos pais:

Casados ☐

União de facto ☐

Separados ☐

Divorciados ☐

Que idade tinha quando os seus pais se separam? ____ anos

5. Duração do namoro: Meses ☐ _____

Anos ☐ _____

6. Já ocorreram rupturas (separações-reconciliações) na sua relação actual?

Não ☐

Sim ☐ Se sim, quantas vezes? _____

Anexo B

Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC) – Versão 1 –

Pais casados/união de facto

CPIC

Neste questionário é descrito um conjunto de situações que se referem às **relações familiares**.

Selecione, por favor, a alternativa que melhor expressa o que vivencia.

1. Eu nunca vi os meus pais discutirem ou zangarem-se.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

2. Quando os meus pais têm uma discussão geralmente tentam resolvê-la.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

3. Os meus pais discutem frequentemente sobre as coisas que eu faço na escola.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

4. Os meus pais ficam realmente zangados quando discutem.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

5. Quando os meus pais discutem, eu sei que posso fazer algo para me sentir melhor.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

6. Eu fico assustado(a) quando os meus pais discutem.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

7. Eu sinto que estou no centro das discussões dos meus pais.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

8. Eu não me sinto culpado(a) pelo facto de os meus pais discutirem.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

9. Provavelmente os meus pais não imaginam que eu sei que eles discutem muito.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

10. Mesmo quando terminam uma discussão, os meus pais continuam zangados.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

11. Os meus pais têm conflitos porque não são felizes juntos.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

12. Quanto têm desentendimentos, os meus pais discutem calmamente.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

13. Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

14. Os meus pais insultam-se, mesmo na minha presença.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

15. Quando os meus pais discutem, eu preocupo-me com o que me possa acontecer.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

16. Os meus pais geralmente discutem por minha causa.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

17. Eu vejo frequentemente os meus pais a discutir.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

18. Os meus pais geralmente chegam a um acordo quando discutem.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

19. As discussões dos meus pais são frequentemente por minha causa.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

20. As razões pelas quais os meus pais discutem são sempre as mesmas.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

21. Quando os meus pais têm uma discussão dizem coisas desagradáveis um ao outro.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

22. Quando os meus pais discutem eu sei que posso fazer algo para ajudar a melhorar a situação.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

23. Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

24. A minha mãe quer que eu esteja do seu lado quando ela e o meu pai discutem.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

25. Eu sinto-me culpado(a) por os meus pais discutirem, mesmo que eles não o digam.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

26. Os meus pais quase nunca discutem.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

27. Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

28. Os meus pais geralmente discutem por coisas que eu fiz.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

29. Os meus pais discutem porque realmente não gostam um do outro.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

30. Quando os meus pais têm uma discussão, gritam muito um com o outro.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

31. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para os impedir.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

32. Quando os meus pais discutem fico preocupado(a) com a possibilidade de um deles ficar magoado.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

33. Eu sinto que tenho de tomar partido quando os meus pais discutem.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

34. Os meus pais fazem críticas e queixas um do outro.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

35. Os meus pais raramente falam alto quando estão a discutir.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

36. Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

37. Os meus pais atiram e partem objectos durante as discussões.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

38. Após os meus pais terminarem de discutir, geralmente são carinhosos um com o outro.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

39. Quando os meus pais discutem tenho receio que eles também possam gritar comigo.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

40. Os meus pais culpam-me pelas suas discussões.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

41. O meu pai quer que eu esteja do seu lado quando ele e a minha mãe discutem.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

42. Os meus pais agridem-se durante uma discussão.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

43. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para me sentir melhor.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

44. Quando os meus pais discutem eu preocupo-me com a possibilidade de eles poderem divorciar-se.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

45. Os meus pais continuam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

46. Os meus pais têm discussões porque não querem continuar juntos.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

47. As discussões dos meus pais não são, geralmente, por minha causa.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

48. Quando os meus pais discutem não ouvem nada do que eu digo.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

Protegido por Direitos de Autor

Anexo C

Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC) – Versão 2 –
Pais divorciados/separados

CPIC

Neste questionário é descrito um conjunto de situações que se referem às **relações familiares na altura em que os seus pais viviam juntos**.

Seleccione, por favor, a alternativa que melhor expressa o que vivenciou.

1. Eu nunca vi os meus pais discutirem ou zangarem-se.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

2. Quando os meus pais tinham uma discussão geralmente tentavam resolvê-la.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

3. Os meus pais discutiam frequentemente sobre as coisas que eu fazia na escola.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

4. Os meus pais ficavam realmente zangados quando discutiam.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

5. Quando os meus pais discutiam, eu sabia que podia fazer algo para me sentir melhor.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

6. Eu ficava assustado(a) quando os meus pais discutiam.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

7. Eu sentia que estava no centro das discussões dos meus pais.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

8. Eu não me sentia culpado(a) pelo facto de os meus pais discutirem.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

9. Provavelmente os meus pais não imaginavam que eu sabia que eles discutiam muito.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

10. Mesmo quando terminavam uma discussão, os meus pais continuavam zangados.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

11. Os meus pais tinham conflitos porque não eram felizes juntos.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

12. Quando tinham desentendimentos, os meus pais discutiam calmamente.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

13. Eu não sabia o que fazer quando os meus pais tinham discussões.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

14. Os meus pais insultavam-se, mesmo na minha presença.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

15. Quando os meus pais discutiam, eu preocupava-me com o que me podia acontecer.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

16. Os meus pais geralmente discutiam por minha causa.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

17. Eu via frequentemente os meus pais a discutir.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

18. Os meus pais geralmente chegavam a um acordo quando discutiam.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

19. As discussões dos meus pais eram frequentemente por minha causa.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

20. As razões pelas quais os meus pais discutiam eram sempre as mesmas.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

21. Quando os meus pais tinham uma discussão diziam coisas desagradáveis um ao outro.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

22. Quando os meus pais discutiam eu sabia que podia fazer algo para ajudar a melhorar a situação.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

23. Quando os meus pais discutiam eu tinha medo que algo de mal acontecesse.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

24. A minha mãe queria que eu estivesse do seu lado quando ela e o meu pai discutiam.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

25. Eu sentia-me culpado(a) por os meus pais discutirem, mesmo que eles não o dissessem.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

26. Os meus pais quase nunca discutiam.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

27. Os meus pais discutiam mas depois faziam as pazes.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

28. Os meus pais geralmente discutiam por coisas que eu fazia.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

29. Os meus pais discutiam porque realmente não gostavam um do outro.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

30. Quando os meus pais tinham uma discussão, gritavam muito um com o outro.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

31. Quando os meus pais discutiam não existia nada que eu pudesse fazer para os impedir.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

32. Quando os meus pais discutiam ficava preocupado(a) com a possibilidade de um deles ficar magoado.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

33. Eu sentia que tinha de tomar partido quando os meus pais discutiam.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

34. Os meus pais faziam críticas e queixas um do outro.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

35. Os meus pais raramente falavam alto quando estavam a discutir.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

36. Os meus pais entravam frequentemente em discussão quando eu fazia algo de errado.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

37. Os meus pais atiravam e partiam objectos durante as discussões.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

38. Após os meus pais terminarem de discutir, geralmente eram carinhosos um com o outro.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

39. Quando os meus pais discutiam tinha receio que eles também pudessem gritar comigo.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

40. Os meus pais culpavam-me pelas suas discussões.

Discordo	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo	Concordo
totalmente		moderadamente	moderadamente		totalmente
1	2	3	4	5	6

41. O meu pai queria que eu estivesse do seu lado quando ele e a minha mãe discutiam.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

42. Os meus pais agrediam-se durante uma discussão.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

43. Quando os meus pais discutiam não existia nada que eu pudesse fazer para me sentir melhor.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

44. Quando os meus pais discutiam eu preocupava-me com a possibilidade de eles poderem divorciar-se.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

45. Os meus pais continuavam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

46. Os meus pais tinham discussões porque não queriam continuar juntos.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

47. As discussões dos meus pais não eram, geralmente, por minha causa.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

48. Quando os meus pais discutiam não ouviam nada do que eu dizia.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

Protegido por Direitos de Autor

Anexo D

Relationship Assessment Scale (RAS)

RAS

Selecione, por favor, o número que, para cada pergunta, melhor expressa a sua resposta sobre a sua relação actual de namoro.

1. Até que ponto é que o/a seu/sua parceiro(a) corresponde às suas necessidades?

Muito mal	Mal	Medianamente	Bem	Muito bem
1	2	3	4	5

2. De um modo geral, até que ponto está satisfeito(a) com a sua relação?

Muito insatisfeito	Insatisfeito	Medianamente satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
1	2	3	4	5

3. Até que ponto é que a sua relação é boa, em comparação com a maioria das relações?

Muito má	Má	Mediana	Boa	Muito boa
1	2	3	4	5

4. Com que frequência deseja não se ter envolvido nesta relação?

Nunca	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Sempre
1	2	3	4	5

5. Até que ponto é que a sua relação tem correspondido às suas expectativas iniciais?

Nada	Pouco	Medianamente	Muito	Completamente
1	2	3	4	5

6. Com que intensidade ama o/a seu/sua parceiro(a)?

Muito pouco	Pouco	Medianamente	Muito	Muitíssimo
1	2	3	4	5

7. Quantos problemas existem na sua relação?

Muito poucos	Poucos	Alguns	Muitos	Imensos
1	2	3	4	5

Protegido por Direitos de Autor

Anexo E

Escala de Compromisso Pessoal (ECP)

ECP

Leia, por favor, cada afirmação sobre o seu relacionamento actual com o/a seu/sua parceiro(a), indicando a sua concordância ou discordância face à ideia expressa.

Para cada frase assinale, de 1 a 7, o seu grau de acordo ou desacordo.

1. O meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro(a) é mais importante para mim que praticamente qualquer outra coisa na minha vida.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

2. Quero que este relacionamento permaneça forte não importa os maus momentos que possamos vir a encontrar.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

3. Gosto de pensar em mim e no/na meu/minha parceiro(a) mais em termos de “nós” do que “eu” e “ele/ela”.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

4. Penso muito em como seria namorar com outra pessoa que não o/a meu/minha parceiro(a).

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

5. O meu relacionamento com o/a meu/minha parceiro(a) faz claramente parte dos meus planos para o futuro.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

6. As minhas actividades (estudos, emprego, lazer, voluntariado, etc) são mais importantes para mim do que a minha relação com o/a meu/minha parceiro(a).

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

7. Sacrificar-me pelo(a) meu/minha parceiro(a) faz-me sentir bem comigo mesmo(a).

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

8. Não quero ter uma forte identidade enquanto casal com o/a meu/minha parceiro(a).

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

9. Muitas vezes não vale a pena desistir de algo pelo(a) meu/minha parceiro(a).

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

10. De facto, muitas vezes a relação com o/a meu/minha parceiro(a) tem de ficar em segundo plano face a outros interesses meus.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

11. Não estou seriamente atraído(a) por outra pessoa para além do(a) meu/minha parceiro(a).

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

12. Posso não querer estar com o/a meu/minha parceiro(a) daqui a uns anos.

Discordo
fortemente

1

2

3

Nem concordo
nem discordo

4

5

6

Concordo
totalmente

7

Protegido por Direitos de Autor

Anexo F

Trust in Close Relationships Scale (TCRS)

TCRS

Leia, por favor, cada afirmação e indique a sua concordância ou discordância face à ideia expressa. Para cada frase assinale, de 1 a 7, o seu grau de acordo ou desacordo.

1. O/A meu/minha parceiro(a) provou ser de confiança e eu estou disposta(o) a deixá-lo(a) participar em actividades que outros(as) parceiros(as) poderiam achar demasiado ameaçadoras.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo				Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7		

2. Mesmo quando não sei como é que o/a meu/minha parceiro(a) vai reagir, sinto-me confortável para lhe contar qualquer coisa acerca de mim, mesmo coisas das quais tenho mais vergonha.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo				Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7		

3. Apesar dos tempos poderem mudar e do futuro ser incerto, eu sei que o/a meu/minha parceiro(a) estará sempre pronto(a) e disposto(a) a dar-me força e apoio.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo				Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7		

4. Eu nunca tenho a certeza se o/a meu/minha parceiro(a) não fará algo que eu não goste ou que me envergonhe.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

5. O/A meu/minha parceiro(a) é muito imprevisível. Eu nunca sei como ele/ela vai agir no dia seguinte.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

6. Eu sinto-me muito desconfortável quando o/a meu/minha parceiro(a) tem de tomar decisões que me vão afectar pessoalmente.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

7. Eu percebi que o/a meu/minha parceiro(a) é excepcionalmente confiável, especialmente quando se trata de coisas que são importantes para mim.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

8. O/A meu/minha parceiro(a) comporta-se de uma forma muito consistente.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

9. Sempre que temos de tomar uma decisão importante numa situação nova, eu sei que o/a meu/minha parceiro(a) vai-se preocupar com o meu bem-estar.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

10. Mesmo que eu não tenha razões para esperar que o/a meu/minha parceiro(a) partilhe coisas comigo, eu tenho a certeza que ele/ela o fará.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

11. Eu posso esperar que o/a meu/minha parceiro(a) reaja de uma maneira positiva quando eu exponho as minhas fraquezas.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

12. Quando eu partilho os meus problemas com o/a meu/minha parceiro(a), eu sei que ele/ela irá responder de um modo amoroso antes mesmo de eu dizer alguma coisa.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

13. Eu tenho a certeza que o/a meu/minha parceiro(a) não me iria trair, mesmo que surgisse uma oportunidade e não houvesse hipótese de ser descoberto(a).

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

14. Às vezes evito o/a meu/minha parceiro(a) porque ele/ela é imprevisível e tenho medo de dizer ou fazer algo que possa criar conflito.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

15. Posso confiar no/na meu/minha parceiro(a) para cumprir as promessas que me faz.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

16. Quando estou com o/a meu/minha parceiro(a), sinto-me segura(o) perante situações novas desconhecidas.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

17. Mesmo quando o/a meu/minha parceiro(a) dá desculpas que parecem improváveis, eu confio que ele/ela está a dizer a verdade.

Discordo fortemente				Nem concordo nem discordo			Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7	

Anexo H

Quadro com as correlações entre a RAS, ECP e factores e subescalas da CPIC e TCRS

Escalas, factores e subescalas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
1	-	.930**	.884**	.883**	.844**	.848**	.772**	.701**	.379**	.346**	.337**	.655**	.780**	-.148*	-.025	-.157*	-.098	-.154*	-.148*
2		-	.942**	.947**	.916**	.677**	.591**	.595**	.152**	.140	.134	.521**	.735**	-.117	-.009	-.095	-.028	-.111	-.104
3			-	.864**	.788**	.642**	.592**	.522**	.168*	.178*	.131	.531**	.679**	-.095	.015	-.110	-.029	-.138	-.115
4				-	.782**	.645**	.573**	.554**	.190**	.165**	.176*	.481**	.655**	-.113	-.017	-.077	-.039	-.070	-.086
5					-	.612**	.492**	.590**	.067	.052	.066	.452**	.730**	-.117	-.021	-.081	-.008	-.108	-.093
6						-	.904**	.836**	.294**	.263**	.266**	.451**	.544**	.156*	.012	-.162*	-.139	-.116	-.155*
7							-	.522**	.369**	.337**	.328**	.479**	.456**	-.111	-.145*	-.145*	-.170*	-.108	-.092
8								-	.114	.092	.110	.284**	.501**	-.170*	-.139	-.139	-.060	-.093	-.192**
9									-	.861**	.927**	.365**	.126	.014	-.068	-.138	-.133	-.148*	-.076
10										-	.608**	.385**	.140	-.007	-.107	-.144*	-.127	-.144*	-.101
11											-	.286**	.092	-.027	-.027	-.108	-.114	-.125	-.044
12												-	.576**	-.186**	-.054	-.212**	-.140	-.210**	-.193*
13													-	-.145*	-.072	-.094	-.037	-.111	-.092
14														-	.565**	.739**	.542**	.606**	.725**
15															-	.497**	.284**	.519**	.467**
16																-	.797**	.852**	.896**
17																	-	.481**	.545**
18																		-	.713**
19																			-

Nota: * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$; 1 – CPIC; 2 – Propriedades do Conflito; 3- Frequência; 4 – Intensidade; 5 – Resolução; 6- Ameaça; 7 – Percepção de Ameaça; 8 – Eficácia de *Coping*; 9 – Culpa (factor); 10 – Conteúdo; 11 – Culpa; 12 – Triangulação; 13 – Estabilidade; 14 – RAS; 15 – ECP; 16 – TCRS; 17 – Previsibilidade; 18 – Fiabilidade; 19 - Fé

Anexo I

Sumário das análises *t*-Student para amostras independentes quanto às diferenças de género

Escalas, factores e subescalas	<i>t</i>	<i>df</i>	sig.
CPIC	-1.138	191	n.s
Propriedades do Conflito	-.964	191	n.s
Frequência	-1.323	191	n.s
Intensidade	-.521	191	n.s
Resolução	-.920	191	n.s
Ameaça	-2.135	191	sig
Percepção de Ameaça	-2.351	191	sig
Eficácia de <i>Coping</i>	-1.239	191	sig
Culpa	1.579	191	n.s
Conteúdo	.913	38.696	n.s
Culpa	1.674	191	n.s
Triangulação	-1.023	191	n.s
Estabilidade	-.585	191	n.s
RAS	1.521	191	n.s
ECP	1.237	191	n.s
TCRS	.569	191	n.s
Previsibilidade	-1.748	38.733	n.s
Fiabilidade	2.947	191	sig
Fé	.793	191	n.s

Nota: sig – significativo $p \leq .05$; n.s. – não significativo $p > .05$

Anexo J

Sumário das análises *t*-Student para amostras independentes quanto às diferenças no estatuto conjugal dos pais

Escalas, factores e subescalas	<i>t</i>	<i>df</i>	sig.
CPIC	-5.078	72.615	sig
Propriedades do Conflito	-4.761	70.251	sig
Frequência	-3.844	71.698	sig
Intensidade	-3.548	65.292	sig
Resolução	-6.457	191	sig
Ameaça	-3.801	191	sig
Percepção de Ameaça	-2.476	191	sig
Eficácia de <i>Coping</i>	-4.394	191	sig
Culpa	.817	191	n.s
Conteúdo	.990	114.882	n.s
Culpa	.674	191	n.s
Triangulação	-3.006	68.105	sig
Estabilidade	-9.054	70.710	n.s
RAS	1.762	191	n.s
ECP	.118	65.917	n.s
TCRS	.534	191	n.s
Previsibilidade	-.511	191	n.s
Fiabilidade	.857	191	n.s
Fé	1.006	191	n.s

Nota: sig – significativo $p \leq .05$; n.s. – não significativo $p > .05$